

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Revista Querubim
Letras – Ciências Humanas – Ciências Sociais

Coletânea
Letras – Educação – Cidadania

**Bruno Gomes Pereira
Aroldo Magno de Oliveira
(Org.)**

2020

**Aroldo Magno de Oliveira
(Org./Ed.)**

Ano 16

2020

Niterói – RJ

Revista Querubim 2020 – Ano 16. Coletânea. 63 pág. (jun./2020) Rio de Janeiro: Querubim, 2020 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos. I - Título: Revista Querubim Digital

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova - Itália)

Darcilia Simoes (UERJ – Brasil)

Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)

Madalena Mendes (Universidade de Lisboa - Portugal)

Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)

Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor

Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki

Andre Silva Martins

Elanir França Carvalho

Enéas Farias Tavares

Guilherme Wylie

Hugo Carvalho Sobrinho

Janete Silva dos Santos

João Carlos de Carvalho

José Carlos de Freitas

Jussara Bittencourt de Sá

Luiza Helena Oliveira da Silva

Marcos Pinheiro Barreto

Mayara Ferreira de Farias

Paolo Vittoria

Pedro Alberice da Rocha

Ruth Luz dos Santos Silva

Shirley Gomes de Souza Carreira

Vânia do Carmo Nóbile

Venício da Cunha Fernandes

SUMÁRIO

01	A resignificação do tempo e do espaço no fantástico de C. S. Lewis – Ana Carolina A. de L. Oliveira e Bruno Gomes Pereira	04
02	Projeto “Espaço Aprendiz” como ferramenta catalisadora de letramento social no município de Rondon do Pará: avanços na aprendizagem pelo viés da linguística aplicada – Bruno Gomes Pereira e Cristiane Gomes Pereira	11
03	Retorno da imagem soberana: vigor atemporal da Rainha Midiática “Xuxa” na publicidade chilena em 2020 – Bruno Gomes Pereira	17
04	Inclusão e semântica: o uso inadequado da palavra Portador nos âmbitos legais e afins – Isabelli Carvalho Dutra	23
05	Transformação social por meio das manifestações culturais e educacionais no Brasil – Kenedy Martins Miné e Bruno Gomes Pereira	28
06	Inclusão de surdos como direito garantido em lei – Kenedy Martins Miné e Bruno Gomes Pereira	38
07	Os recebimentos nos textos anchietanos como representação da chegada da salvação – Mirian Aparecida Deboni	46
08	Tecendo sentidos na modernidade líquida: realocização do teatro na era pós-moderna – Ubiratan Negrão Vieira e Bruno Gomes Pereira	57

A RESSIGNIFICAÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO NO FANTÁSTICO DE C. S. LEWIS

Ana Carolina A. De L. Oliveira¹
Bruno Gomes Pereira²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas discussões a respeito do tempo e do espaço na obra “As Crônicas de Nárnia”, de C. S. Lewis, complexificando a concepção de escrita criativa como elemento conector entre os referentes elementos da narrativa. A Fundamentação Teórica é de base interdisciplinar, tendo em vista que foram mobilizados conhecimentos teóricos advindos de diferentes perspectivas do saber humano, a saber dos estudos literários e dos estudos psicanalíticos. A Metodologia é de base bibliográfica, partindo da premissa de que foram consultadas várias obras da teoria da literatura para fundamentar os pontos postos em evidência no decorrer desta abordagem. Os resultados apontam para uma vasta possibilidade de extrair diferentes interpretações que vão desde o início em “O Sobrinho do Mago” até o fim em “A Última Batalha”, tendo em vista as alusões à Bíblia e ao cristianismo.

Palavras-chave: Espaço; Tempo; Mitologia; Mundo Ficcional.

Abstract

This article aims to present some discussions about time and space in the work C. S. Lewis's “The Chronicles of Narnia”, complexifying the conception of creative writing as a connecting element among the related elements of the narrative. The theoretical basis is interdisciplinary, in view of the fact that was mobilized theoretical knowledge from different perspectives of human knowledge, namely, from literary studies and psychoanalytical studies. The methodology is a bibliographic basis, based on the premise that several works of literature theory have been consulted to substantiate the highlighted points in the course of this approach. The results point to a vast possibility of extracting different interpretations ranging from the beginning in “The Nephew of The Wizard” to the end in “The Last Battle”, in view of the allusions to the Bible and to Christianity.

Keywords: Space; Time; Mythology; Fictional World.

Introdução

Neste artigo, propõe-se apresentar algumas discussões a respeito do tempo e do espaço na obra “As Crônicas de Nárnia”, de C. S. Lewis, complexificando a concepção de escrita criativa como elemento conector entre os referentes elementos da narrativa.

Ler e produzir a literatura é passar por um método de ressignificação desta palavra e da prática na sociedade, da qual sua participação entra como objeto social, que necessita ser lida e construída num entrelaço que envolva o diálogo e a interação, aparecendo a partir de uma interlocução entre os participantes sociais. Etimologicamente, é uma palavra que vem do latim *Litteratura* e provém de outro vocábulo também em latim *Littera* significando *letra*. Nesse sentido, observa-se que “literatura”, “letra” e “palavra” estão profundamente próximas, de maneira que esta “literatura” só permanece perceptível por meio da palavra e da letra, tal como acrescenta Silva (1993), ao discutir o significado do termo ora referido.

¹ Mestranda em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: acalofashion@gmail.com

² Doutor em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente e Pesquisador Institucional da Faculdade para Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA). E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com.

Um aspecto que está diretamente ligado a ela é o seu atributo artístico, que, por sua vez, leva a capacidade de contestação do universo no qual está inserido. Há, ainda, a intencionalidade no ato da escrita, seja para intensificar a beleza da redação, bem como para desenvolver alguma apreciação com base em um olhar diferente a respeito de determinada situação. Também caminha paralelamente com a habilidade desta abstração humana, que é a arte (LAJOLO, 1993; SILVA, 1993; AMORA, 1992).

Sobre a questão artística e estética da literatura, Cândido (2000) assevera que se trata de uma propriedade específica dos textos literários denominada de *literariedade*, que se constitui a partir dos pressupostos da estética da recepção em conviência com a própria relativização da definição do termo *literatura*.

Clives Staples Lewis transfere a palavra e sua exposição artística de forma a atingir o sentimento no ápice da perfeição, tornando assim, o processo da escrita criativa algo que vigore com veemência em “As Crônicas de Nárnia”.

Petit (2009) afirma que “a leitura, particularmente de obras literárias, participará então de um nível mais próximo do sensorial e das primeiras interações que permitiram a constituição dos limites de si mesmo” (p. 62).

Levando em consideração a escrita criativa, que além de abranger a leitura, poderá levar a um nível mais próximo do sensorial, como argumenta Petit (2009), sendo uma prática que fomenta e contribui ainda mais com a produção literária, envolvendo o objetivo do leitor em suas ações. Em “As Crônicas de Nárnia”, o universo é fascinante, cujo espaço é transmitido por meio da imaginação, do ficcional e, principalmente, da permanência do onírico em cada situação narrada, paralelamente ao fantasioso, onde a primeira visão do mundo mágico é a que marca, o primeiro contato com este lugar, a saída do mundo real para um local desconhecido, estranho, mas que transmite alegria e paz. Há, ainda, momentos em que animais e humanos interagem de forma genial, visto que a percepção fantástica do autor em transmitir seus desejos por meio da literatura básica e lúcida, perpassa também o cristianismo puro e simples, onde o certo e o errado explicam o entendimento do sentido humanitário, além da existência dual entre o bem e o mal (cf. GONÇALVES, 2014).

O mundo de Nárnia é caracterizado por uma ficção em que o onírico se mostra presente desde o encontro dos personagens com o sensacional guarda-roupa. Isso é levado em conta como aspecto mais evidente o lugar, que é invadido pela história e representado pelo País de Aslam como sendo o paraíso e Nárnia, o mundo, ficando destinado apenas às crianças. A simbologia lúdica e espiritual que percorre todo o trajeto e compreende o Leão, revela o ambiente cheio de fantasias, sonhos e magias, além de ser uma obra-prima que denota uma riqueza, um cuidado estético em cada detalhe, tornando-se às vezes o irreal em real e, principalmente, uma linguagem transmitida por meio de valores (cf. LIRA, 2011).

Há uma possível análise mitológica, o que torna os preceitos históricos estarem bem próximos à biografia do autor, visto que vários eventos ocorridos em sua vida influenciaram e marcaram profundamente a sua obra. Lewis usa a metáfora da bíblia por narrar detalhes de gênese a apocalipse, com direito a um salvador que morre e ressuscita, retrata bem definido as cores, texturas e a luz do sol como cenários descritos por meio de uma leveza e simplicidade, o que facilita a vivência dos sonhos. Petit (2009) lança como proposta pontes que podem ser construídas por intermédio de diversos tipos de leitores, sejam eles da periferia ou não, isso independe de suas diferenças, considerando importante o papel do mediador para seguir ao campo da batalha pela democratização e, assim, construir o acesso e fascínio pela leitura. Portanto, a autora afirma que:

As trocas entre espaços imaginários e materiais serão incessantes. Ao menos isso é desejável para que, ao dobrar uma rua, uma trilha, lembranças sejam acionadas, devaneios, todo um “interior”, mas também surpresas, o imprevisto. Sem possibilidade de fuga para um exterior, para um outro tempo (PETIT, 2009, p. 97)

Dessa forma, este trabalho se apresenta na perspectiva de possibilitar uma leitura direcionada por meio de “As Crônicas de Nárnia”, por intermédio do espaço onírico que reflete o processo de escrita criativa, priorizando seu reconhecimento na Literatura para Crianças e Jovens. Verificamos, portanto, que a implantação de novos métodos de interpretação da história, bem como sua adequação em tempos modernos podem criar estímulos não só nas crianças como nos jovens, levando-os a se interessarem e discutirem assuntos voltados para a literatura ficcional. Então, desejamos que todas as crianças que há em nós sejam avivadas para a ficção e para o sonho no doce e, várias vezes, amarga aventura do viver.

O Domínio do Espaço Onírico no Mundo Fantástico de Nárnia

Nárnia é um universo plano e excêntrico em que o mar possui água doce, é envolto por flores e o encontra com o céu, além do País de “Aslam” está logo ao leste deste oceano. O solo tem um revestimento morto como a pele que recobre o nosso corpo, no entanto as rochas são seres vivos como é mencionado em “A Cadeira de Prata”. Assim como estas, as estrelas que estão no céu também são vivas, fazendo danças, nos quais os sábios conseguem compreendê-las para estabelecer previsões sobre a vinda de “Aslam” e, o sol é um círculo em labaredas, que percorre no entorno do universo de Nárnia em apenas uma ocasião a cada dia e, é no sol que as flores de fogo estão presentes, onde “Lúcia” recebe do “Papai Noel”, no Livro “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, um recipiente de diamante (cf. GONÇALVES, 2014; LIRA, 2011).

Os sonhos que, muitas vezes, vêm por meio de dramatizações para poder ressurgir do inconsciente, aparece cheio de projeções de tudo o que vê e percebe nos outros, mas que são de sua autoria, aparecendo então de forma condensada. Freud (1996) acreditava que o conteúdo dos sonhos é relacionado ao cumprimento dos desejos.

Freud possui uma forma de transferência usada pela primeira vez em 1900 no livro a interpretação dos sonhos, onde afirma que partes dos acontecimentos que se desenrolam ao longo do dia são transferidos para eles e retrabalhados pelo inconsciente. Muitas imagens e situações experimentadas em sonhos são simplesmente frutos dessa transferência. São transferidos as alegrias, tristezas e angústias vivenciadas ao longo do dia, como uma forma de retrabalhar as nossas experiências. Estes sonhos são formas involuntárias de lidar com as experiências diurnas. Assim, como este processo de transferência, Freud (1996) analisou, também, vários outros métodos de transferência.

O autor Irlandês, C. S. Lewis dialoga com a literatura medieval e renascentista ao estudar e propor trabalhos que envolvem a apologia cristã, a ficção e a fantasia, alguns sendo, por sua vez, os mais renomados trabalhos acadêmicos envolvendo esses temas no século XX. O leitor é conduzido a um mundo onde o enredo e o conteúdo caminham sobre a coexistência entre o espaço e o tempo, obtendo um aspecto vago e misterioso. Além de expor sua obra imaginativa em “As Crônicas de Nárnia” e obter o espaço onírico, ainda dá fisicamente um limite para assumir proporções do qual possa ser inserido todo o sonho do leitor, as emoções e os sentimentos (cf. GONÇALVES, 2014; LIRA, 2011).

Em Nárnia, o irreal se torna real dentro daquele espaço determinado e o onírico é cativado, potencializado através dos sentimentos nos chamando a atenção, tanto para o negativo quanto para o positivo. É, sem dúvida, um lugar onde possa extravasar todos os sonhos, emoções e sentimentos em prol de uma conquista, ou seja, a conquista do Homem sobre a Natureza que se revela, no momento da sua consumação, a conquista da Natureza sobre o Homem. Este espaço onírico e também criativo é uma potencialidade humana e, viver através desta obra é ser coadjuvante desse ambiente.

O fundamental é poder criar, inventar, colocar um animal como protagonista de uma cena e, em Nárnia, a representação deste esboço poderá ser feito por meio de uma tela branca onde ao ser pintado e elaborado os sonhos adequados, traz características advindas deste mundo fantasmagórico. Mundo este que convida o leitor e o não-leitor a conhecê-lo e percebê-lo como totalmente simbolizado, visto que é transportado para aquilo que lhe é prazeroso.

Potencializar as criações por meio de um lugar que foi feito para isso, sendo que o cotidiano é cheio de regras e exaustivo, é necessário que se permita criar e seduzir, pois o onírico é se permitir sonhar, sair do convencional e trazer novas propostas. A obra mostra que tudo faz parte de um sonho em que C.S. Lewis teve e que foi transformado tecnicamente em algo que possa pertencer ao real.

A narrativa leva o espaço onírico de maneira vívida e lúcida, capaz até mesmo de resgatar grandes recordações que podem ser expandidas aos leitores através da realidade alcançada, como por exemplo, a relação entre o bem e o mal, a luz e as trevas, os direcionamentos bíblicos e, tantos outros, que proporcionará uma reflexão do indivíduo leitor em relação aos mistérios Lewisianos.

A concepção de espaço que é assumida aqui baseia-se nos estudos da teoria literária que problematiza a questão espacial como algo basilar na construção e perpetuação de sentidos na sintaxe fabular (SILVA, 1993; D'ONÓFRIO, 1995; CÂNDIDO, 2000).

De acordo com D'Onófrío (1995), a perspectiva espacial é determinante para a construção do enredo da narrativa, partindo da premissa de que é um elemento determinante para a contextualização das ações das personagens, localizando-as e, por isso, significando-as também. Para isso, o leitor atento deve perceber que o espaço onírico em Nárnia é constantemente ressignificado, o que lhe permite ser completamente movediço.

Percebe-se que o meio em que ocorre toda a trama é consideravelmente pequeno em virtude das diversas aventuras sucedidas naquele ambiente e, o tempo é determinado pelas circunstâncias ocorridas, em que vários momentos é observado pela dimensão divina ou o tempo de Deus. O sonho atraído pelas aventuras apresentadas na obra leva o leitor a imergir profundamente em sentimentos de emoções, que ora são provocados pela alegria, satisfação, espanto, liberdade, Poder, ora pela tristeza, dor, angústia e vazio. A harmonização do espaço onírico de Lewis deixa nítida esse conjunto de sensações, que perpassa por toda a obra, acendendo, ainda, a chama profética em seu coração.

C. S. Lewis conduz o seu protagonista a viajar por uma ilha solitária em que o sonho pode ser autêntico, existente e arriscado. “Ilha Negra” é um lugar em que as aventuras eram propagadas a todo instante, de início a massa negra, o nevoeiro ou a escuridão que plainava sobre o ambiente, sendo bem complexo manter sua descrição, mas podendo ser comparado a um túnel onde não se conseguia ver sua luz no fim, levando assim, a tripulação a muitas outras aventuras.

Estas crônicas além de relatarem um universo de ficção, envolvem muitos leitores que é peculiar aos seus questionamentos de juízos e princípios globais, como a ética. Um dos inícios extraordinários da narrativa, é a partir do momento em que Lúcia se adentra num guarda-roupa, direcionando-a a um ambiente fascinante e Lewis propõe ao leitor achar e investigar este lugar que aparenta ser evidente (cf. GONÇALVES, 2014; LIRA, 2011).

Em virtude dos fatos mencionados, percebe-se que o autor criou uma estrutura geográfica, habitada por animais falantes e criaturas de diversas mitologias, onde o mundo real também interage com as histórias desse mundo paralelo e, que algumas crianças da Inglaterra foram levadas a Nárnia, tornando-se protagonistas de grandes aventuras e, representando como parte fundamental a descoberta da ficção. Portanto, observa-se, ainda que, o onírico presente em Nárnia é o local da magia, da fantasia, do particular, além do espaço que perpassam os discursos e onde se adquire a realidade, também da expectativa e do desejo. É um ambiente sempre longe do esperado. Não é uma alucinação, é um amanhã que ocorre neste momento, é o local de um horizonte que se constitui.

“O Tempo” em Nárnia

O tempo está presente em todos os aspectos de nossa vida social, ele não para. Além disso, movimenta-se em várias direções diferentes ao mesmo tempo. Em primeiro lugar, é uma criação cultural, ou seja, cada cultura, cada sociedade tem um jeito diferente de se relacionar com o tempo e, pode assumir várias dimensões como o Biológico, Geológico, Histórico, Psicológico, entre muitos outros.

De acordo com as contribuições de D’Onófrio (1995) e Cândido (2000), a concepção de tempo, enquanto elemento da narrativa, em tudo está relacionada ao espaço, já falado anteriormente, pois, na medida em que o espaço é desenhado, as ações das personagens são medidas em conformidade com sua duração e o local onde são desenvolvidas. Assim, são propostas na mesma dosagem na construção de sentidos de uma obra, bem como na construção da sintaxe narrativa.

É fundamental para o estudo de uma narrativa a análise do tempo, pois existem diferentes maneiras para compreendê-lo. Há aquele que passa naturalmente e não depende da vontade humana, sendo este, o tempo da natureza, que pode ser percebido pelo envelhecimento das pessoas. Diferentemente deste, o tempo cronológico é medido e contado, tornando-se um componente que pertence à criação humana e às diversas formas de medição do tempo. Pode ser dividido em unidades de medida como segundo, minuto, hora, dia, mês, ano e, diversos instrumentos para medir a passagem do tempo, como por exemplo, a ampulheta, o relógio, além do calendário (cf. AMORA, 1992).

O tempo histórico, por sua vez, possui diferentes ritmos e durações que podem ser verificados, principalmente, por meio das permanências e transformações que ocorrem na sociedade. Existem, portanto, diferentes tipos de calendários, sendo utilizado para medir a passagem do tempo e dividi-lo em dias, meses e anos. Para se estabelecer um calendário observa-se a movimentação dos astros e procura identificar a correspondência entre essa movimentação e a duração de um ciclo anual (cf. SILVA, 1993).

Muito se discute a importância do tempo em Nárnia, visto que sua escrita foi na década de 50, pertencendo, também, a um mundo paralelo e, iniciado em torno de um misterioso local, que tem por nome “Bosque dos Lagos”. Um grande estudioso de universos paralelos fez esta descoberta, transformando a vida de algumas crianças que circundavam o seu meio e, trazendo à tona as respostas do qual precisava. Há um relato diferenciado quanto ao tempo observado na trama, uma vez que, no mundo real a história se passa por alguns minutos ou segundos e, ao conhecer o mundo irreal as crianças percebem que décadas se passaram.

As Crônicas permitem direcionar o leitor a acessos variados do nosso mundo para o universo de Nárnia, de maneira que os nossos jovens possam adentrar neste universo tão novo, cheio de magias e fantasias. Sua narrativa envolve como método inicial para a entrada nesta terra, dois anéis mágicos do “Mago”, o Senhor André, em “O Sobrinho do Mago”, a passagem pelo guarda-roupa de “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, além da própria vida, revelada em “A Última Batalha” (cf. GONÇALVES, 2014; LIRA, 2011).

É imprescindível insistir no fato de que, em Nárnia, o tempo não passa como no mundo real, levando em consideração a efemeridade dos dias naquele lugar, as crianças se desenvolveram mais rapidamente, tornando-se reis e rainhas do mundo dos sonhos por tempo determinado e, ao voltar a sua terra natal, pelo guarda-roupa, perceberam que o tempo permanecia o mesmo, que não ocorreu nenhuma mudança. Tanto nos livros “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” quanto em “Príncipe Caspian”, percebe-se que o tempo é transmitido de forma efêmera e, no momento em que Susana menciona que mil e trezentos anos em Nárnia representam um ano em nosso mundo, a veracidade dos fatos torna-se ainda mais visível.

A concepção de que o tempo transcorre de modo diferente em lugares diversificados nos direciona aos preceitos de Albert Einstein ao se referir a “Teoria da Relatividade”, que transmite a reflexão de espaço-tempo como um grupo simétrico consolidado, além de sinalizar versículos bíblicos como Salmos 90:4 *“Verdadeiramente, mil anos aos teus olhos, são como o dia de ontem, que já passou, e como as poucas horas das primeiras vigílias da noite”*. Ainda, pode-se observar que a narrativa é desenvolvida partindo do pressuposto que o início da criação dá-se em “O Sobrinho do Mago” e, chega ao fim sendo definido em “A Última Batalha”.

Portanto, na terra mítica inventada por C. S. Lewis, horas consistem somente a alguns segundos no mundo humano e, sua desproporção é extensa que entre o início e o entardecer do espaço extraordinário, só cinquenta anos se percorreram na direção de Nárnia, sendo que várias mudanças aconteceram na obra, dos quais circunstâncias e ocorrências relevantes universalmente foram transformadas em ficcionais.

Considerações Finais

A partir da análise e discussões apresentadas, podemos, portanto, evidenciar a escrita criativa como processo que permeia o vínculo entre o leitor e a obra avaliada, de modo que o espaço onírico seja destacado, além de transmitir o que C. S. Lewis propôs, com toda sua genialidade, no percurso de toda a narrativa, uma literatura básica, simples, do qual não se discute teoria Teológica, mas reflexões da fé dos cristãos em meio à guerra, que por sua vez, avalia a importância de nossa existência em relação aos indícios da morte.

C. S. Lewis ainda com sua visão de mundo cristã, criou figuras mitológicas que são antagonistas ao entendimento cristão, na verdade, tirado do politeísmo. É certo que o autor não era um herege, mas um cristão dominante em pensamento, e uma pessoa bastante adiante de seu tempo.

Seu propósito é apreciar a imaginação, o sonho, porém sempre voltado para a realidade dos fatos ao produzir o seu mundo ficcional, no caso Nárnia, onde personagens com características bem diferentes dos reais, com criaturas extraídas de diversos mitos são criadas e elaboradas para manter a narrativa num espaço onírico.

Seres malévolos como a feiticeira e generosos como os faunos nascem por intermédio de tamanha aglomeração de crenças e, diante de um período conturbado em que as pessoas dificilmente aceitariam este mundo imaginário, C. S. Lewis emprega esses instrumentos para reproduzir e pôr à disposição dos leitores entediados com o seu dia a dia. Sua conduta lembra Cervantes, lançando mão da ficção e do discurso das figuras mitológicas para expor seus pensamentos a respeito da existência.

Portanto, destacamos que este trabalho tem como objetivo contribuir para a construção de novas literaturas, utilizando a escrita criativa como processo linear ao mundo ficcional, com fundamentos adotados para o espaço onírico de C. S. Lewis, que transmite um reflexo natural ao expressar seu mundo interior.

Constata-se, ainda que, temáticas como o amor ao próximo, amizade, busca pela paz, justiça e igualdade estão nas entrelinhas da obra “As Crônicas de Nárnia”, levando em consideração que a narrativa conversa com o relato de vida de cada um, além da importância para a nação quanto ao uso da mitologia, que carrega valores universais de ética, de coragem e de fidelidade, também, estas crônicas transcenderam o gênero da fantasia para se tornar parte do cânone da literatura clássica.

Nesse sentido, cada um dos sete livros é uma obra-prima, atraindo o leitor para um mundo em que a magia encontra a realidade, e o resultado é um mundo ficcional que tem fascinado gerações.

Referências

- AMORA, A. S. **Introdução à Teoria da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.
- CÂNDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- D'ONOFRIO, S. **Teoria do Texto 1: Prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.
- FREUD, S. **Esboço de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GONÇALVES, S. R. O Intertexto Bíblico na Literatura: As Crônicas de Nárnia, De C.S. Lewis. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades Est**. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014. p. 1504-1526.
- LAJOLO, M. **A Importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 1993.
- LEWIS, C.S. **As Crônicas de Nárnia**. Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LIRA, E. E. P. O Sagrado e a Intertextualidade Bíblica em “As Crônicas de Nárnia”, de C. S. Lewis. **Garrafas**. Jul./Dez. N° 38, v. [?], p. 29-45, 2011.
- PETTIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- SILVA, V. M. de A e. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.

PROJETO “ESPAÇO APRENDIZ” COMO FERRAMENTA CATALISADORA DE LETRAMENTO SOCIAL NO MUNICÍPIO DE RONDON DO PARÁ: AVANÇOS NA APRENDZAGEM PELO VIÉS DA LINGUÍSTICA APLICADA

Bruno Gomes Pereira³
Cristiane Gomes Pereira⁴

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise interdiscursiva a partir das potencialidades catalisadoras do projeto social “Espaço Aprendiz”, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Rondon do Pará junto à comunidade carente. A ideia é identificar como o referido projeto desperta as habilidades de letramento social de maneira a apresentar-se como um avanço imerso a uma realidade geograficamente desfavorável. Teoricamente, estamos inseridos no campo indisciplinar da Linguística Aplicada (LA), em interface com os estudos do letramento e discursivos da linguagem. A metodologia é do tipo documental e de abordagem qualitativa. Como se trata de um projeto em fase embrionária, acreditamos que muitos desdobramentos possam ser apontados a partir de sua execução, mas ainda assim não podemos desconsiderar o avanço inovador da proposta desta intervenção que será desenvolvida durante o primeiro semestre de 2020.

Palavras-Chave: Espaço Aprendiz; Letramento Social; Linguística Aplicada.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar un análisis interdiscursivo basado en las potencialidades catalíticas del proyecto social "Espaço Aprendiz", desarrollado por el Municipio de Rondon do Pará con la comunidad necesitada. La idea es identificar cómo este proyecto despierta las habilidades de letramento social para presentarse como un avance inmerso en una realidad geográficamente desfavorable. Teóricamente, estamos insertos en el campo indisciplinario de la Lingüística Aplicada (LA), en interfaz con la alfabetización y los estudios discursivos del lenguaje. La metodología es documental y cualitativa. Como se trata de un proyecto embrionario, creemos que se pueden señalar muchos desarrollos a partir de su ejecución, pero no podemos ignorar el progreso innovador de la propuesta de esta intervención que se desarrollará durante el primer semestre de 2020.

Palabras clave: Aprendiz de Espacio; Letramento Social; Lingüística Aplicada.

Introdução

Este artigo apresenta o início de um percurso de análise bastante interessante às ciências da educação e da linguagem: a ressignificação dos métodos educacionais a partir de realidades bastante específicas e que, do ponto de vista geográfico, pode dificultar a viabilização das ações interventivas.

Sabemos que a educação tem função transformadora, assim como nos afirma Freire (1987) em suas pesquisas que influenciam todas as demais discussões *a posteriori*. Entretanto, há de questionar as maneiras e condições em que o caráter transformador da educação é colocado em jogo na sociedade contemporânea.

Do ponto de vista teórico, mobilizamos os saberes da Linguística Aplicada (LA), tal como se observa nos trabalhos de Moita Lopes (2013; 2006a; 2006b; 2003), Pereira (2016a; 2016b; 2015) e Silva (2014a; 2014b; 2012a; 2012b). Todas estas pesquisas referenciadas bebem da mesma fonte: não há nenhum saber que se esgote nele mesmo. Por isso, a necessidade de diálogo entre diferentes

³ Doutor em Ensino de Línguas e Literatura (com ênfase em Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro da Associação Latino-Americana de Linguística Sistêmico-Funcional (ALSFAL).

⁴ Graduanda em Serviço Social pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: cristianegomes.2011@hotmail.com.

perspectivas teóricas faz-se necessário para que o objeto de pesquisa possa ser observado e analisado a partir de diferentes ângulos.

Nesse sentido, os estudos que versam sobre letramento em suas mais diversas esferas são pertinentes às nossas discussões, tendo em vista que o referido projeto objetiva o desenvolvimento das habilidades de reflexão da linguagem por ela mesma em alunos ditos desvalorizados pelo sistema capitalista. Dessa forma, o letramento que adotamos nesta abordagem é aquele de caráter social, expresso nos trabalhos de Street (1984) e expandido para outras discussões mais atuais como em Soares (2011), Signorini (2006) e Kleiman (1995).

Do ponto de vista metodológico, temos uma pesquisa documental, considerando aquilo que Sá-Silva (2009) considera como primordial: o referido material nunca passou por nenhum tratamento científico, o que garante uma contribuição expressiva à área, ainda que estejamos falando de algo embrionário.

A pesquisa documental nos ajuda na compreensão e suposição de desdobramentos satisfatórios mais adiante, uma vez que, mesmo aquilo que pode ser visto como passível de melhoramento deve ser visto como um dado eficiente e eficaz para o crescimento horizontal da proposta do projeto.

Em síntese, este artigo torna-se convidativo ao leitor crítico que, movido por seu espírito investigativo, procura não receitas prontas, mas sim sugestões de melhoramentos para suas práticas didático-pedagógicas.

Letramento Social na Linguística Aplicada: Questões Indisciplinares

Entendemos a LA não como uma disciplina, mas como uma perspectiva inovadora de se fazer ciência, partindo do pressuposto de que o saber científico é algo construído paulatinamente em consonância com outras esferas de conhecimento, o que não faz o saber algo absoluto, tal como nos revelam os estudos de Rojo (2007), Signorini (1998) e Vian Júnior (2013).

Dessa forma, a LA nos influencia no sentido de nos despirmos de quaisquer preconceitos teóricos para vislumbrarmos horizontes cada vez mais complexos, tal como nos revela Morin (2011), ao propor que a complexidade é diferente do ser difícil. A complexidade, na visão do autor, é sabermos encontrar sentidos no mesmo objeto a partir de diferentes prismas.

A visão do filósofo supracitado parece ser confluyente com o que se espera dos linguistas aplicados, uma vez que a linguagem é universal. Portanto, detentora de quaisquer tipos de evidências capazes de serem objetificadas e analisadas a partir de qualquer área do conhecimento.

Dessa forma, os estudos do letramento são perfeitamente cabíveis dentro do que nos propomos discutir aqui. Como o projeto “Espaço Aprendiz” lida diretamente com o desenvolvimento das habilidades do ser humano a partir de todas as áreas do conhecimento, seria no mínimo ingênuo propormos uma discussão sem levar esse aspecto em consideração.

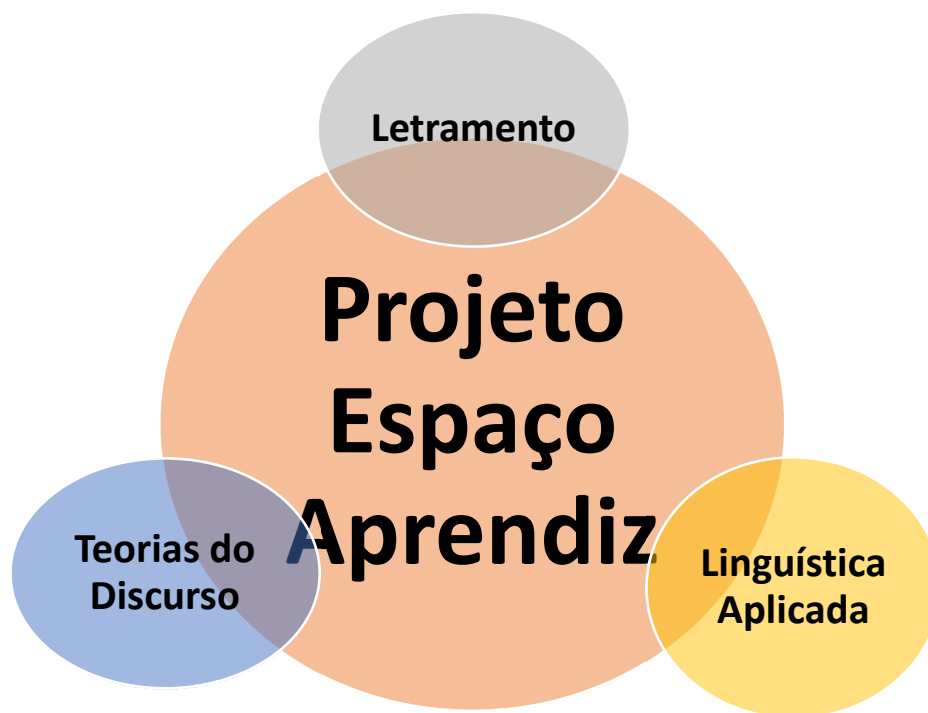
O termo letramento foi cunhado por Street (1984) para designar avanços além do que é previsto pela alfabetização como mecanismo. Letrar, nesse sentido, não tem conotação com decodificação dos signos linguísticos, mas sim com a construção de sentidos que damos a estes últimos a partir do princípio da intencionalidade.

O termo “signo linguístico” utilizado acima é condizente com o que o pesquisador genebrino, Ferdinand Saussure propõe em seus estudos. Para Saussure (1969), o signo é a relação indissolúvel entre significante e significado, o que nos permite situações de construções semânticas específicas, ainda que o signo seja regido pela arbitrariedade.

Já o termo “intencionalidade”, também utilizado nesse artigo, é amparado pelos estudos discursivos da linguagem que o tratam como algo inerente das práticas de interação humana, ainda que de forma inconsciente, tal como propõe os estudos da Análise Crítica do Discurso (ACD), de origem americana e bastante difundido nas investigações na América do Norte (FAIRCLOUGH, 2012; 2008).

Dessa forma, propomos o que a LA chama de “movimento indisciplinar” para melhor compreendermos o objetivo, o avanço e os possíveis desdobramentos do projeto “Espaço Aprendiz”. Observemos a figura abaixo:

Figura 01: Movimento Indisciplinar da LA



Fonte: Dos Autores

Somos condizentes com Moita Lopes (2003) no que concerne ao princípio de indisciplinaridade. Chamamos de indisciplinar o movimento entre saberes, científicos e também não científicos, que tem como objetivo central construir novas concepções acerca de um determinado produto. Assim, não tratamos nada acima mencionado como disciplina, mas como saberes humanos que, juntos, podem contribuir na complexificação de se ver o mundo e, com isso, dar margem às discussões frutíferas em todos os âmbitos (MORIN, CIURANA, MOTTA; 2003).

A Figura 01 é uma representação indisciplinar que podemos estabelecer tomando o projeto “Espaço Aprendiz” como instrumento motivador da investigação. No centro, no círculo maior, o referido projeto mantém contato direto com círculos menos que preferimos chamar de vieses de conhecimento humano. Dentre esses temos: i) Letramento; ii) Teorias do Discurso; e iii) Linguística Aplicada. Cada um desses vieses é interconectado ao projeto ora mencionado e esteticamente

representado por pequenos círculos que se confundem entre si por meio de tons dégradés, o que sugere sobrevivência um no outro, o que quebra, também, a noção de hierarquia a retoma a concepção de colaboração na construção do produto.

Construção do Percorso Metodológico

A metodologia é de abordagem qualitativa e do tipo documental, tal como já mencionado anteriormente neste artigo. No que tange à abordagem qualitativa, concordamos com Bortoni-Ricardo (2008), quando a autora nos atenta ao caráter intersubjetivo desta abordagem, bem como na maior liberdade em atribuição de sentidos nas análises propostas.

Já o tipo documental, assim como foi dito na Introdução deste texto, sustenta-se aqui pelo fato do projeto em questão nunca ter sido objeto de nenhum tratamento científico, o que assegura uma proposta de investigação totalmente inovadora no contexto acadêmico. Essa concepção é baseada em Sá-Silva (2009), ao argumentar que esse tipo de pesquisa é bastante latente em investigações nas Ciências Humanas.

O projeto “Espaço Aprendiz” é uma iniciativa multidisciplinar idealizada e mantida pela Secretaria de Assistência Social⁵ e pela Prefeitura Municipal de Rondon do Pará. Trata-se de uma iniciativa multidisciplinar, pois a intenção é que todas as secretarias do governo se envolvam com a execução do projeto de maneira a conferir unidade aos serviços prestados.

Os referidos órgãos tentam minimizar o baixo índice de letramento social acoplando suas atividades em diretrizes plurais, que englobam educação, saúde, meio ambiente e outras, o que tem demonstrado rendimento de ganhos na qualificação da mão de obra local.

O município de Rondon do Pará é localizado ao Sudeste do estado do Pará e conta com uma população estimada em 52.357 habitantes, conforme o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE, 2019). Dentre as principais atividades econômicas do município destacam-se o comércio e o setor agrícola, tendo em vista que são as principais catalisadoras financeiras do município.

Um Pouco sobre a Relevância do Projeto

O referido projeto, ainda no início de sua execução, pode apresentar um avanço considerável na qualificação de mão de obra local, tendo em vista que as atividades desenvolvidas lidam diretamente com o exercício de habilidades de letramento social totalmente eficazes nas relações dialógicas.

O termo “dialogismo” que usamos aqui converge com o proposto por Bakhtin (2006; 2003; 1984), uma vez que consideramos que o diálogo não se esgota na conversa entre atores sociais, mas sim nas práticas sociais que permeiam e faz existir o convívio numa mesma comunidade linguística.

Logo, por fins enunciativos, o referido projeto é pertinente e adequado ao momento pós-moderno em que vivemos, partindo da premissa de que ele, em nenhum momento é fabricado pelo social que o circunda, mas sim propõe a fabricação de um novo social a partir de suas diretrizes, tal como nos afirma Hanks (2008).

⁵ Esta secretaria representada pelo setor de Emprego e Renda, que visa a captação e direcionamento de mão de obra municipal, contribuindo para a rotatividade da renda e do comércio local.

O projeto é executado em forma de aulas/treinamento que são ofertados de maneira modular, para não comprometer as atividades profissionais dos alunos que, por serem de extrema carência, já prestam serviços plurais para garantir uma renda mensal e sustentar seus afazeres familiares.

No total, são 6 (seis) disciplinas que vão da teoria à prática, de maneira a assegurar uma qualidade na continuidade das ofertas dos componentes curriculares. Para os estudos do letramento, acoplar conhecimentos de informática, Língua Portuguesa, Ética no Trabalho entre outros é fator preponderante na composição de um cidadão mais apto ao mercado de trabalho, não pelo conhecimento técnico em si, mas pela capacidade de ressignificação deste conhecimento a favor do próximo e da sua comunidade em que pertence.

Para maiores informações sobre o papel basilar da integração dos saberes na composição de um profissional multifuncional, leia os trabalhos de Fazenda (2008), Kleiman e Moraes (1999) e Japiassu (2006), pois não é nossa intenção, aqui, fazermos um apanhado extenso acerca desse ponto.

Considerações Finais

Como pesquisadores dos estudos da linguagem acreditamos que este projeto tenha potencial para desdobrar-se em ações maiores e, assim, minimizar muitos problemas e lacunas entre educação, mercado de trabalho e comunidades carentes que, infelizmente, não detém o privilégio de frequentar as melhores escolas nem fazer as melhores escolhas profissionais.

Vale ressaltar aqui que o que foi salientado neste artigo é uma discussão de caráter inicial, partindo da premissa de que o referido projeto é recém-criado e está em seus primeiros momentos de execução.

Esperamos que este artigo, bem como o referido projeto, seja instrumento motivador para discussões vindouras, o que renderia avanços significativos às ciências da linguagem e às ciências da educação.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2003.
- BAKHTIN, M. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. London: University of Minnesota Press, 1984.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FAIRCLOUGH, N. A Dialética do Discurso. In.: MAGALHÃES, I. (org). **Discurso e Práticas de Letramento: Pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2012. p. 93-110.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.
- FAZENDA, I. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In.: FAZENDA, I (org). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 17-28.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HANKS, W.F. **Língua como Prática Social: Das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo/SP: Cortez, 2008.
- IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2019.
- JAPIASSU, H. **O Sonho Transdisciplinar: E as razões da Filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- KLEIMAN, A. B. Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola. In.: KLEIMAN, A. B. (org). **Os Significados do Letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social de escrita**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-64.
- KLEIMAN, A. B.; MORAES, S. E. **Leitura e Interdisciplinaridade: Tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

- MOITA LOPES, L. P. da. Da Aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In.: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (orgs). **Linguística Aplicada: Um caminho com diferentes acessos**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 11-24.
- MOITA LOPES, L. P. da. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a. p. 85-108.
- MOITA LOPES, L. P. da. Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica: Interrogando o campo como linguista aplicado. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 13-44.
- MOITA LOPES, L. P. da (org). **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.
- MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.
- MORIN, E; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na Era Planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- PEREIRA, B. G. **Relocalização de Saberes Acadêmicos na Construção de Vozes de Professores em Formação Inicial na Escrita Acadêmica Convencional e Reflexiva**. 2016. 350 f. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016a.
- PEREIRA, B. G. Resenha Acadêmica: Letramento e Escrita na Universidade. **Revista Ícone - Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, Volume 16, Janeiro de 2016b. p. 67-73.
- PEREIRA, B. G. Gramática Sistemico-Funcional como Ferramenta Teórico Metodológica em Linguística Aplicada: O Caso *Xuxa Na Record* em Textos Jornalísticos. **Revista Faculdade Santo Agostinho**, Teresina, v. 12, n. 5, art. 10, p.173-195, set./out. 2015.
- ROJO, R. Práticas de Ensino em Língua Materna: Interação em sala de aula ou aula como cadeia enunciativa?. In.: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (orgs). **Linguística Aplicada: Suas faces e interfaces**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. P. 339-360.
- SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa Documental: Pistas teóricas e metodológicas. In.: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, n. I. 2009.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.
- SIGNORINI, I. Prefácio. In.: SIGNORINI, I. (org). **Gêneros Catalisadores: Letramento e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 7-18.
- SIGNORINI, I. Do Residual ao Múltiplo e ao Complexo: O objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In.: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (orgs). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998. p. 99-110.
- SILVA, W. R. **Reflexão pela Escrita no Estágio Supervisionado da Licenciatura: Pesquisa em Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes Editores, 2014a.
- SILVA, W. R. Considerações sobre o Contexto de Cultura na Linguística Sistemico-Funcional. **XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)**, p. 1-13, 2014b.
- SILVA, W. R. Estudos do Letramento do Professor em Formação Inicial nos Estágios Supervisionados das Licenciaturas. In.: SILVA, W. R. (org). **Letramento do Professor em Formação Inicial: Interdisciplinaridade no estágio supervisionado da licenciatura**. Campinas/São Paulo: Pontes Editores, 2012a p. 27-52.
- SILVA, W. R. **Letramento e Fracasso Escolar: O ensino de língua materna**. Manaus: UEA Edições, 2012b.
- SOARES, M. B. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2011.
- STREET, B. V. **Literacy in the Theory and Practice**. Cambridge University Press, 1984.
- VIAN JÚNIOR, O. Linguística Sistemico-Funcional, Linguística Aplicada e Linguística Educacional. In.: MOITA LOPES, L. P. (org). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013. P.123-142.

RETORNO DA IMAGEM SOBERANA: VIGOR ATEMPORAL DA RAINHA MIDIÁTICA “XUXA” NA PUBLICIDADE CHILENA EM 2020

Bruno Gomes Pereira⁶

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar, a partir dos princípios da Linguística Aplicada (LA), a representatividade midiática diante do retorno da apresentadora Xuxa ao mercado publicitário chileno, por meio de um comercial de uma marca de telefonia móvel. No país vizinho, o retorno de Xuxa causou um estrondoso sucesso, ganhando repercussão mundial, superando, até, os tempos áureos das canções infantis da referida artista. A Fundamentação Teórica encontra na interdisciplinaridade entre diferentes correntes dos estudos discursivos da linguagem a sua principal referência para microanálises. A metodologia é de abordagem qualitativa e do tipo documental. Os dados revelam um retorno midiaticamente marcado pela ideologia de uma artista envolta a uma memória afetiva inatingível o que lhe garante, ainda, ampla receptividade comercial em outros países do mundo.

Palavras-chave: Chile; Publicidade; Xuxa.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar, con base en los principios de Lingüística Aplicada (LA), la representación de los medios ante el regreso del presentador Xuxa al mercado publicitario chileno, a través de un comercial para una marca de teléfonos móviles. En el país vecino, el regreso de Xuxa causó un éxito rotundo, ganando repercusión mundial, incluso superando los tiempos dorados de las canciones infantiles de ese artista. La Fundación Teórica considera que la interdisciplinariedad entre las diferentes corrientes de los estudios del lenguaje discursivo es su principal referencia para el microanálisis. La metodología tiene un enfoque cualitativo y documental. Los datos revelan un retorno mediático marcado por la ideología de un artista envuelto en una memoria afectiva inalcanzable, que también garantiza su amplia receptividad comercial en otros países del mundo.

Palabras clave: Chile; Publicidad; Xuxa

Introdução

Primeiro, ela conquistou o coração de milhões de baixinhos de todo o Brasil. Depois, veio a conquista das Américas, onde seu programa de televisão já é sucesso em 16 países. Agora, ela se prepara para tomar a Europa. Nesse Natal, vai ser a grande atração da TV espanhola que preparou uma superprodução digna de uma super estrela: Xuxa, é claro”⁷

Existem vários estudos que versam sobre o poder de persuasão da figura midiática de Xuxa em todas as esferas publicitárias em vários países no mundo. Estes estudos são de caráter das Ciências da Educação, da Psicologia, da Antropologia, da Linguagem e tantas outras vertentes científicas que tentam apresentar explicações para tamanho êxito.

No entanto, deve-se considerar que a maior parte desses estudos analisam uma Xuxa de quase quatro décadas atrás, a qual era rodeada por uma ludicidade que encantavam as crianças e seduziam os adultos. Entretanto, com mais de 40 anos usando sua imagem, Xuxa pode não ser mais

⁶ Doutor em Letras: Ensino de Línguas e Literaturas (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com.

⁷ Cid Moreira, no Fantástico, em dezembro de 1991, ao apresentar o crescente êxito de Xuxa no exterior.

a mesma em vários aspectos, mas seu poder de fogo continua intacto a ponto de hipnotizar as pessoas de uma forma atemporal.

Isso é a palavra que resumo a apresentadora global: atemporalidade. Consideram-se dois pontos nesta afirmação, a saber: i) global não no sentido de ter se feito como artista na Vênus Platinada (fazendo referência à Rede Globo de Televisão, na qual, há anos, não pertence mais ao seu elenco), mas sim no sentido de se fazer, midiaticamente, uma personalidade conhecida em todo o planeta em razão do império que construiu em torno de sua imagem com forte apelo ao público infantil; e ii) atemporal, porque, mesmo tendo se reinventado constantemente para se manter no ar e acompanhar as transformações sociais, seus trejeitos continuam os mesmos: a intimidade com um público cativo e seu poder de emocionar e vender ao mesmo tempo utilizando-se de uma imagem que parece que se perpetuou com o tempo: a de Rainha intocável.

Em tempo, é válido ressaltar que, neste artigo, não estamos fazendo referência à pessoa Maria da Graça Xuxa Meneghel, mas sim à figura pública e midiática, denominada Xuxa, que, para os estudiosos sobre fenômenos televisivos, é, na verdade, mais que uma artista, é uma marca.

Neste artigo analisamos um pouco sobre a repercussão no cenário internacional da participação de Xuxa em um comercial chileno de uma marca de telefonia móvel. Mesmo tendo transcorrido décadas, a repercussão na mídia parece superar as expectativas do mercado publicitário mundial, seja pelo discursivo envolto à imagem da apresentadora, seja pelo despertar da memória afetiva que foi despertada pela maneira como Xuxa estava no comercial.

Este trabalho está alojado no campo da Linguística Aplicada (LA), mais precisamente na fronteira entre teorias discursivas da linguagem e a sociologia das relações, tal como mostra a Figura 01.

Diálogos Interdisciplinares na Linguística Aplicada: Perspectivas das teorias do discurso

A LA é uma perspectiva dos estudos da linguagem que prega, justamente, a necessidade de inter-relacionar saberes de diferentes origens para tornar complexo o objeto de estudo. Logo, por não se disciplinarizar, a LA cobra um olhar mais sensível do pesquisador, pois compreende que os fenômenos sociais não podem ser explicados de uma maneira unilateral.

Esse posicionamento vai de encontro ao que pensa Signorini (1998; 2006), quando afirma que a LA não pode ser vista como uma disciplina, tendo em vista que seu objeto de investigação não se esgota nele mesmo. Devemos, com isso, considerar que tudo está inserido em um universo maior, portanto, passível de outras interpretações a depender dos saberes mobilizados no momento do tratamento dos dados.

O mesmo foi discutido nos estudos de Pereira (2014; 2016) que, para problematizar o contexto de produção da escrita acadêmica, buscou apoio na sociologia, na pedagogia, na antropologia e em outras áreas do conhecimento, as quais traziam informações que não eram contempladas nos estudos que eram linguísticos apenas.

Nesse sentido, a LA parece ser confluyente com o que é proposto pela Teoria da Complexidade, mundialmente difundida pelo filósofo Edgar Morin. Para o pesquisador, é, no mínimo ingênuo, acreditarmos em uma verdade absoluta acerca do que quer que seja, partindo do pressuposto de que o ponto de vista não é algo neutro (cf. MORIN, 2011). Logo, para entendermos melhor algo que está sob análise, devemos considerar a interdisciplinaridade entre diferentes saberes humanos, o que garante também maior eficiência nos resultados da pesquisa.

Atribuímos ao termo “interdisciplinaridade” o mesmo sentido conferido pelas Ciências da Educação, nos estudos de Fazenda (2008), ao afirmar que algo inter é algo que não se esgota em si mesmo e, por isso, depende do outro para apresentar uma versão satisfatória, ao menos momentaneamente.

Entretanto, as maiores contribuições sobre LA no Brasil partem das pesquisas de Moita Lopes (ANO), que problematiza essa perspectiva dos estudos da linguagem como uma maneira contemporânea de se fazer ciência. Isso implica discussões em várias vertentes, tendo em vista que o social é fabricado por intermédio da linguagem.

A Figura 01 ilustra o movimento interdisciplinar entre os Estudos Bakhtinianos, a Análise Crítica do Discurso (ACD), o Estudos sobre Vozes Sociais e a Sociologia das Relações, promovido por intermédio da LA.

Não é nossa intenção fazermos uma discussão exaustiva acerca de tais áreas do conhecimento. O objetivo é, apenas, mobilizar algumas informações que possam explicar de maneira satisfatória o nosso objeto de estudo.

Figura 01: Movimento Dialógico da LA



Fonte: Autoria Própria

Conforme a Figura 01, a LA está no centro, unindo as demais áreas do conhecimento ou perspectivas de conhecimento humano. Entretanto, é válido ressaltar que, não é porque se trata de uma abordagem interdisciplinar que tudo que lhe é aferido nos interessa aqui.

Dos Estudos Bakhtinianos nos interessamos pela concepção marxista (2003) deste filósofo, ao compreender que a divisão entre classes advém justamente por intermédio da linguagem. Entretanto, alteramos aqui o sentido do termo “classes”, conferindo-a não um tom capitalista, mas sim de segregação daqueles que optam, por algum motivo, emocionar-se ou não com os fenômenos

de massa. Logo, entender que o retorno de Xuxa ao mercado publicitário internacional virou algo que se alastrou pelo mundo em poucas horas não é, necessariamente, algo unânime do ponto de vista quantitativo mesmo.

Por outro lado, ainda nos Estudos de Bakhtin (2006), nos interessamos pela perspectiva dialógica e dialética com a qual os fenômenos da linguagem são reverberados. Em outras palavras, tudo que é dito hoje, já foi dito antes, mesmo que de maneira diferente, pois a linguagem sobrevive nas práticas sociais que apenas a remodela. Logo, no comercial chileno protagonizado por Xuxa, a apresentadora surge exatamente igual àquela Xuxa de décadas atrás, o que é fator decisivo para a retomada imagética na mente das pessoas. Logo, trata-se de algo diretamente dialógico.

Dos Estudos das Vozes Sociais, nos interessamos mais de perto pelos estudos de Mey (2001), os quais se aproximam muito das questões polifônicas de Bakhtin (1984). Para o pesquisador dinamarquês, a sociopragmática explica muitos fenômenos da linguagem, pois não podemos destituí-los do tempo e do espaço em que foram praticados. Tratando-se do tema deste artigo, podemos relacionar o pensamento de Mey (2001) ao fato de tudo que envolve a apresentadora Xuxa e sua história com o Chile e os demais países latinos, bem como a aparência física exatamente igual aos tempos em que Xuxa se transformou em um ícone por lá.

Da ACD nos interessamos mais de perto pelos desdobramentos de sentido que envolvem a aparição da artista, bem como a noção de discurso e ideologia que acaba com quaisquer intenções de ingenuidade da campanha publicitária. Para Fairclough (2008), a ideologia é justamente o que move o usuário da língua no momento de se expressar. É o oculto que se torna não oculto a partir dos efeitos de sentidos que podem causar em que se dirige. Logo, a comoção mundial em ver Xuxa no comercial chileno é um fenômeno de massa longe de ser algo permeado pela ingenuidade. Trata-se de algo bem pensado, com o intuito de fortalecer a imagem da telefonia móvel correspondente.

Da Sociologia das Relações, nos interessamos por dois aspectos: i) a efemeridade do mundo pós-moderno; e ii) das relações de afeto entre atores humanos e não humanos. Com o advento da globalização, tudo se tornou facilmente divulgado e, assim, o alcance das coisas tornou-se algo que não se pode mensurar. São os chamados “tempos líquidos”, nos termos de Buaman (2004). Por outro lado, temos uma variedade de elementos não humanos que reforçam o sentimento de saudosismo do comercial: a nave, as roupas da apresentadora e os demais recursos imagéticos que remetiam ao cenário dos programas infantis que deram a Xuxa ares de realeza.

Na próxima seção, apresentamos brevemente algumas pesquisas que versam sobre a figura midiática de Xuxa em algum segmento.

Panorama de Algumas Investigações Acadêmica acerca da Figura Midiática da “Rainha Xuxa”: Memória Afetiva e Toque de Midas

Como dito na Introdução deste artigo, muitos são os estudos que problematizam a figura midiática de Xuxa e oferecem uma leitura a partir da teoria mobilizada. Dentre todas as pesquisas, talvez a mais célebre seja o livro da pesquisadora americana Amélia Simpson (1994), no qual trazia à baila uma série de elementos capazes de caracterizar Xuxa como um típico fenômeno de massa de países em desenvolvimento, onde a educação e a saúde não era necessariamente prioridades. Entretanto, a investigadora dos Estados Unidos da América não contava com o poder de fogo de Xuxa que, por saber sutilmente se reinventar, garantiu-lhe atemporalidade perpétua. Logo, a apresentadora que ganhava a terra do Tio San, provou, com o tempo, que não era fruto do momento.

De lá para cá, várias foram as pesquisas científicas acerca de Xuxa. Podemos citar a de Zolinsz (2013), que questionava justamente os argumentos de Simpson (1994), e atribuía ao texto americano um teor colonialista e segregador. O referido trabalho analisava o discurso norte-americano acerca de Xuxa a partir do diálogo entre LA e análise do discurso.

No campo do jornalismo e comunicação social, temos a pesquisa de Campos (2006) como uma investigação bastante expressiva no que se refere ao alcance de consumo da figura de Xuxa. Para a autora, a frase “querer, poder e conseguir”, nas palavras da própria Xuxa, era um verdadeiro chamariz no incentivo ao consumismo,

Mais adiante, temos a pesquisa de Pereira (2017), que em uma compilação de pesquisas, analisa a figura midiática de Xuxa sob diferentes propósitos. Para o autor, a figura da apresentadora é um objeto rico em detalhes para todas as áreas do conhecimento humano, pois, além do despertar da memória afetiva, a figura de Xuxa Meneghel atrai uma atenção nunca vista em outros artistas brasileiros, o que a torna um caso único de sucesso no Brasil. Em seu livro, Pereira (2017), discute questões pedagógicas, midiáticas, sociológicas e psicológicas a partir da LA, que versam sobre Xuxa como fenômeno de massa.

Retorno Triunfal de Xuxa ao Mercado Publicitário Latino no Comercial da *Wom*

A *Wom* é uma equipe de telefonia móvel do Chile de grande repercussão por lá. No início da campanha publicitária televisiva estrelada por Xuxa, há uma breve narrativa que satiriza o atendimento e serviços das demais telefônias móveis do país.

O vídeo conta as insatisfações de Edmundo, um cliente de uma operadora qualquer que nunca tem gigas para navegar na internet, bem como não desfruta de um bom sinal para realizar chamadas. Durante a propaganda, Edmundo passa por vários momentos vexatórios, como a impossibilidade de navegar com seus dados móveis e o descaso dos telefonistas quando o cliente procura para expressar suas relações.

Entretanto, todo esse desconforto é dissipado, quando Xuxa apresenta a Edmundo os benefícios de migrar-se para *Wom*, o que, conforme é dito no vídeo, “a *Wom* tem mais gigas que a Xuxa”, o que sugere velocidade de acessos à internet, bem como qualidade no sinal das ligações ilimitadas.

Xuxa, no entanto, surge triunfal e com o mesmo vigor da juventude, ao descer de sua icônica nave, com Edmundo, cantando uma versão da canção “Tindolelé”⁸ feita especialmente para a campanha. O verso “tudo mundo está feliz” sofreu um trocadilho em que, em língua espanhola, esboçava a felicidade que Edmundo passava a sentir.

Considerações Finais

A proposta, com este artigo, é convidar o leitor atento a refletir sobre os mecanismos de linguagem que permeiam as construções interdiscursivas que aglomeram ideologias e causam movimentações no campo dialógico da publicidade.

Esperamos que este trabalho possa despertar o interesse de outros pesquisadores e que estes possam repensar o campo publicitário como uma esfera fértil de análises, pois oferece elementos discursivos, imagéticos e sonoros capazes de recombinarem-se e, assim, construir diferentes sentidos e impactos sociais.

⁸ Em tempo, a canção “Tindolelé” é um dos maiores sucessos da carreira de Xuxa, tendo sido traduzida para Espanhol, Inglês, Francês, Russo e Mandarim.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2003.
- BAKHTIN, M. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. London: University of Minnesota Press, 1984.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- CAMPOS, V. P. M. **Querer, Poder e Conseguir! O Processo da Socialização para o Consumo: O caso Xuxa**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.
- MEY, J. L. **As Vozes da Sociedade: Seminários de Pragmática**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.
- PEREIRA, B. G. **O X da Questão: Construção discursiva do maior fenômeno de massa brasileiro**. Editora Virtual Books, 2017.
- PEREIRA, B. G. **Relocalização de Saberes Acadêmicos na Construção de Vozes de Professores em Formação Inicial na Escrita Acadêmica Convencional e Reflexiva**. 2016. 350 f. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016.
- PEREIRA, B. G. **Autorrepresentações de Alunos-Mestre em Licenciaturas Paraenses: Um estudo sistêmico-funcional**. Pará de Minas: Editora Virtual Books, 2014.
- SIGNORINI, I. Prefácio. In.: SIGNORINI, I. (org). **Gêneros Catalisadores: Letramento e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 7-18.
- SIGNORINI, I.. Do Residual ao Múltiplo e ao Complexo: O objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In.: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (orgs). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998. p. 99-110.
- SIMPSON, A. **Xuxa: Megamarketing do sexo, da raça e da modernidade**. São Paulo/SP: Editora Sumaré, 1994.
- ZOLIN-VESZ, F. O Discurso Científico/Colonialista Norte-Americano sobre Xuxa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 245-257, 2013.

INCLUSÃO E SEMÂNTICA: O USO INADEQUADO DA PALAVRA PORTADOR NOS ÂMBITOS LEGAIS E AFINS

Isabelli Carvalho Dutra⁹

Resumo

O artigo tem como objetivo mostrar a relevância da Inclusão e como o uso inadequado da palavra Portador pode depreciar uma causa tão nobre, que vem se afirmando com inúmeras dificuldades. Visto que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Conferência de Jomtien, a Convenção de Guatemala, a Declaração de Salamanca, entre outros, foram essenciais para que as pessoas com necessidades especiais começassem a ser vistas como seres humanos, que possuem suas limitações, mas que isso não difere os seus direitos à vida. Nesse sentido, a semântica de uma palavra fere os que estão envolvidos a essa luta. Por conseguinte, os amparos legais e a visão de outros autores serão contemplados. Além disso, os resultados obtidos estarão em voga da necessidade de mudança ou retirada dessa palavra das leis e dos textos referentes às pessoas com necessidades especiais.

Palavras-chave: Semântica. Inclusão. Inadequação. Portador.

Abstract

The article aims to show the relevance of inclusion and how the inappropriate use of the word Bearer can belittle such a noble cause, which has been asserting itself with countless difficulties. Since the Universal Declaration of Human Rights, the Jomtien conference, the Guatemala Convention, the Salamanca Declaration, among others, were essential for people with special needs to begin to be seen as human beings, who have their limitations, but that it does not differ from your rights to life. In this sense, the semantics of a word hurts those involved in this struggle. Consequently, legal support and the views of other authors will be considered. In addition, the results obtained will be in vogue of the need to change or remove that word from the laws and texts referring to people with special needs.

Key words: Semantics. Inclusion. Inadequacy. Bearer.

Introdução

A inclusão está em constante evolução, embora tenha diversos aspectos que estão estanques. Todavia, os amparos legais e textos que envolvem esse assunto, insistem em usar a palavra “Portador” de necessidades especiais, o que seria inviável, já que a necessidade não é portada/carregada e sim é algo inato ou que foi adquirido ao longo da vida do indivíduo. Assim, não se carrega a necessidade, mas se tem certa necessidade, e isso precisa ser notado com uma visão ampla e humanizadora. Torna-se importante destacar que em alguns dicionários, a palavra “portador” possui um dos conceitos que remete a pessoa com necessidade especial, contudo, sabe-se que o vocabulário está em constante mudança e que palavras tornam-se arcaicas e fora do contexto, já que o sentido inapropriado leva o indivíduo para outra interpretação.

Metodologia

A técnica de pesquisa adotada se debruça em trechos de documentos que fomentam o mau emprego da palavra Portador, em aspectos semânticos, como na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente. Assim, haverá comparações do conceito e de seu uso referente às pessoas com necessidades especiais, em dicionários impressos e online. Todo o assunto estará em torno da importância da inclusão, de suas conquistas e como a palavra, ao qual foi expressa acima, precisa ser revista.

⁹ Acadêmica do curso de Letras da Universidade Federal Fluminense

Pressupostos teóricos

No presente artigo serão abordados conceitos e ideias de Roberta Pires de Oliveira, no livro *Introdução à linguística* (2001), a partir do estudo da semântica. Somado a isso, haverá uma ideia geral sobre a importância do estudo referente ao significado, por meio do livro *Introdução à linguística: brincando com a gramática* (2001), de Rodolfo Ilari.

Análise de dados

A pesquisa deste estudo se baseará em artigos da Constituição Federal (1988) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Inicialmente, houve um enfoque na Constituição, na qual ocorreu a comprovação de que a palavra portador/portadores se fazia presente de maneira recorrente. Posteriormente, o ECA foi estudado e nele, obteve-se o encontro da palavra em destaque ao decorrer do referido trabalho.

De acordo com o Art. 7º, no inc. XXXI, Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988: “ São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria e condição: - Proibição de qualquer discriminação no tocante a salários e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência.” (BRASIL, 1988)

Segundo o Art. 23º, no inc. II, a constituição Federal de 1998, “É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: - Cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência.” (BRASIL, 1988)

Referente ao Art. 227, § 1º, inc. II, da Constituição Federal de 1988:

Art. 227 É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à Cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade à convivência familiar e comunitária, além de colocá- los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§1º O Estado promoverá programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente e do jovem, admitida a participação de entidades não governamentais, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos:

II- criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como a integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação. (BRASIL, 1988)

Conforme o Art. 54º e inc. II do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº8.069, de 13 de julho de 1990): “É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.” (BRASIL, 1990)

Em adesão ao Art. 66 do Estatuto da criança e do Adolescente (Lei nº8.069, de 13 de julho de 1990): “Ao adolescente portador de deficiência é assegurado trabalho protegido.” (BRASIL, 1990)

A partir dessa demonstração, foi analisado que a palavra "portador/portadores", encontra-se em evidência ao se referir às pessoas "deficientes", palavra essa que é muito forte ao ser pronunciada, portanto, em diversos lugares optam por "pessoas com necessidades especiais". Além disso, faz-se necessário a compreensão de quem são essas pessoas, as lutas que passaram e que passam

e o porquê de não atualizarem a emenda, visto que é possível fazer uma alteração. Deixar essa palavra circular por vários meios legais e canais de informações não é incluir essas pessoas ao meio social, é sim uma forma desrespeitosa de lidar com toda a situação.

O (mau) uso da palavra "portador"

Uma professora de Educação Infantil, do curso de formação de professores, de uma escola no interior do Estado do Rio de Janeiro, em 2014, questionava com todas suas forças, com seu entendimento de uma vida acadêmica promissora devido ao fato de ser pesquisadora e eficiente no que fazia e proferia, que se alguém portava alguma deficiência e se esse termo deveria ser usado. Consequentemente, para aprofundar os conhecimentos sobre o uso da Palavra portador, é necessário recorrer ao dicionário, e ver se a semântica condiz com o contexto em que a palavra está sendo usada. Nota-se que há alguns significados para esse léxico e que em dois dicionários pesquisados havia uma significância para Portador de necessidades especiais. De acordo com o Aurélio (2000), portador de necessidades especiais, seria o indivíduo que apresenta permanente ou temporariamente, um tipo de deficiência física, sensorial, cognitiva, múltipla ou altas habilidades; precisando de recursos especializados.

Consecutivamente, no segundo dicionário, Saraiva jovem (2010), há um exemplo em que explicita que as instalações dos edifícios devem estar apropriadas para o acesso de pessoas portadoras de deficiência. Todavia, nos dicionários online, como o Dicionário Dicio e o Priberam, não há menção da palavra Portador que se direcione às pessoas com necessidades especiais. Mesmo que haja em alguns dicionários um norte para tal conceito, é de extrema importância perceber que há um processo de quebra de paradigmas e estigmas, mudanças estão ocorrendo, pessoas que antes eram tidas como loucas ou como inválidas, hoje estão em Universidades, trabalhando, tendo sua independência e dando altos voos. Desse modo, é preciso dar continuidade às Declarações, Convenções e conferências e não deixar que os acontecimentos memoráveis do passado fiquem para trás.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, A conferência de Jomtien, A Convenção de Guatemala e a Declaração de Salamanca- atos e progressos que precisam ser contínuos.

A organização das Nações Unidas promulgou em 10 de dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, essa viria garantir condições mínimas para o indivíduo crescer e sobreviver com igualdade e liberdade, pressupondo que também teriam os direitos básicos, sendo eles civis, sociais, culturais, econômicos, linguísticos e políticos que fossem respeitados. Durante a Conferência Mundial sobre Educação para todos, houve a elaboração de um documento, que é a Declaração de Jomtien, a qual tinha como finalidade suprir as necessidades básicas de aprendizagem de crianças, jovens e adultos. Convém dizer, que ocorreu uma reafirmação da Declaração dos direitos humanos na Convenção de Guatemala, porém, observa-se que é algo mais específico para as pessoas com necessidades especiais e de certa maneira, que tenta eliminar as formas de discriminação. Outro documento que reforça direitos, a Declaração de Salamanca, tem um olhar inclusivo a uma educação de qualidade, em que professores estejam adeptos e aprimorados em sua formação para atender não somente um aluno, mas a todos.

A interferência de uma palavra na Semântica

A semântica tem como objeto o significado, sendo conotativo ou denotativo, vê-se que este é o sentido real/dicionarizado e aquele é figurado. Quando uma palavra não está adequada a uma sentença, haverá uma mudança de sentido. Por exemplo, uma pessoa diz que alguém porta uma arma e que alguém tem uma arma, o significado muda, assim como dizer que um cidadão porta uma necessidade ou que o cidadão tem. Desse modo, ao escutar um médico falando que João é portador

do HIV, isso transmite uma ideia de que ele carrega esse vírus e que ele pode ser transmitido para outrem. Entretanto, se Ana falar que Pedro porta uma "deficiência", pois é cadeirante, soa mal, entende-se que Pedro carrega/ transporta essa "deficiência". Não, Pedro é cadeirante e por esse motivo, precisa-se de cuidados especiais para suprir suas necessidades.

Citações

A semântica possui várias vertentes, mas todas buscam o significado, dessa maneira, segundo Roberta Pires de Oliveira (2001, p.17): " Definir o objeto de estudos da Semântica não é uma tarefa simples. Podemos afirmar que a Semântica busca descrever o 'significado' das palavras e das sentenças."

Uma de suas vertentes é a semântica formal, que busca corresponder uma referência. Desse modo, de acordo com Roberta Pires de Oliveira:

O sentido só nos permite conhecer algo se a ele corresponder uma referência. Em outros termos, o sentido permite alcançarmos um objeto no mundo, mas é o objeto no mundo que nos permite formular um juízo de valor, isto é, que nos permite avaliar se o que dizemos é falso ou é verdadeiro. A verdade não está, pois, na linguagem, mas nos fatos do mundo. A linguagem é apenas um instrumento que nos permite alcançar aquilo que há, a verdade ou a falsidade (OLIVEIRA, 2001, p.22).

Pressupõe-se, assim, que a partir desse estudo, há uma referência de mundo, para que se entenda a inadequação dessa palavra ao se referir a esse contexto.

Rodolfo Ilari, na explicação prévia de seu livro Introdução à semântica: brincando com a gramática, pronuncia-se de forma clara e significativa sobre a Semântica em seu sentido geral, o significado como objeto de estudo:

Uma das características que empobrecem o ensino médio da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação. O tempo dedicado a esse tema é insignificante, comparando àquele que se gasta com "problemas" como a ortografia, a acentuação, a assimilação de regras gramaticais de concordância e regência da língua (ILARI, 2001, p. 11)

A significação das palavras precisa ser trabalhada de forma eficaz na Educação Básica, para que ao longo dos estudos, os indivíduos tenham como base esse entendimento, ao qual se faz importante para a vida. Assim, serão capazes de mudar algo que não tem seu encaixe no lugar em que se encontra.

Considerações Finais

No que tange a esse artigo, portanto, é a intenção de fazer o leitor perceber a necessidade de mudanças da palavra Portador/Portadores no contexto ao qual ainda está inserido. Por conseguinte, as Emendas Constitucionais podem sofrer alterações e isso é necessário, permanecer com uma palavra que já não faz sentido em sua referência, não parece ser o adequado. Fica assim entendido, que a omissão ou até mesmo colocar outra palavra que faça parte daquele meio seja o melhor, por exemplo, usar "pessoas com necessidades especiais" ou "pessoas que têm/possuem necessidades especiais", seria proferido de uma maneira que fosse respeitável a essa população, que como já fora dito e repetido neste estudo, lutaram e lutam por condições melhores de vida, por respeito e por uma inclusão digna. Não basta igualdade de condições, precisa haver equidade, para que no mundo haja progresso e não retrocesso. Desse modo, os pequenos detalhes para nós que não possuímos necessidade especial, pode ser um grande detalhe para aqueles que possuem, já que não somos a voz

desse discurso. Contudo, precisamos sentir a dor do outro, ter empatia, ajudar e também entrarmos nessa causa, pois se conseguirmos abrir os olhos para coisas menores, atentaremos-nos para as coisas maiores e assim, teremos um local em que se sentir pertencente será comum.

Referências

- ALMEIDA, Dulce Barros de. *Pessoas com Deficiência e/ou Necessidades Especiais à Luz dos Direitos Humanos*. Disponível em: https://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ef/pessoas_deficientes.html. Acesso em: 22 de jun. de 2020.
- BRASIL, 1988. 05 de outubro de 1988. Estabelece a Constituição Federal. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. CONSTITUIÇÃO FEDERAL- *Dispositivos referentes à pessoa com deficiência*. Disponível em: <<https://www.pdc.mppr.mp.br/pagina-253.html>>. Acesso em 23 de Jun. de 2020.
- BRASIL. Lei n.8.069, e 13 de julho e 1990. Estabelece o Estatuto da criança e do Adolescente. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. *Lei Nº8.069, de 13 de julho de 1990*. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 23 de jun.de 2020.
- Conheça a origem e a importância do Dia da Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em : <<https://www.akatu.org.br/noticia/conheca-a-origem-e-a-importancia-do-dia-da-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>> Acesso em: 22 de jun.de 2020.
- Declaração de Salamanca*- Portal do MEC. Disponível em: <<https://portal.mec.gov.br/seesp>>pdf>. Acesso em 06 de Jul. de 2020.
- Declaração Mundial sobre Educação para todos (Conferência de Jomtien-1990)*. Disponível em:<<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-jomtien-1990>>. Acesso em 06 de jul.de 2020.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos comentada*. Disponível em: <<https://www.direitocom.com/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 22 de jun.de 2020.
- Departamento de assuntos jurídicos internacionais: Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência*. Disponível em: <<https://www.oas.org/juridico/portuguese/treaties/A-65.htm>>. Acesso em: 22 de jun.de 2020.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos...[et al.]. 4.ed.rev.ampliada.-Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*- São Paulo: Contexto, 2001.
- MORAES, André. *SEMÂNTICA- é o estudo do sentido das palavras-AWS*. Disponível em: <https://tribcast-midia.s3-sa-east-1.amazonaws.com/wp-content/uploads/2015/09/22092711/Apostila-Teórica.pdf>. Acesso em: 24 de jun. e 2020.
- NAÇÕES UNIDAS. *Valores consagrados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos estão sob ataque, diz ONU*. Disponível em:< <https://nacoesunidas.org/valores-consagrados-pela-declaracao-universal-dos-direitos-humanos-estao-sob-ataque-diz-onu/>>. Acesso em:22 de jun.de 2020.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. Semântica. In Mussalim, F.; Bentes, C. (orgs). *Introdução à linguística*. Vol 2. São Paulo: Cortez, 2001. P.17-46.
- PORTADOR. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa : Dicio. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/portador>> Acesso em: 22 de Jun. de 2020.
- PORTADOR. In DICIONÁRIO da língua portuguesa: Priberam. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/portado>>Acesso em: 22 de Jun. de 2020.
- SANTOS, Maria Leonor Maia dos ; TRINDADE, Mônica Mano. *Semântica I*. Disponível em: https://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/semantica_1360182019.pdf. Acesso em: 24 de jun. de 2020.
- Saraiva Jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado/organização da editora. - São Paulo:Saraiva, 2010.

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL POR MEIO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E EDUCACIONAIS NO BRASIL

Kenedy Martins Miné¹⁰
Bruno Gomes Pereira¹¹

Resumo

O referente trabalho de conclusão de curso, objetiva realizar um aprofundamento da temática: A transformação social por meio das manifestações culturais e educacionais no Brasil. Apresentando ao leitor uma reflexão à cerca dos movimentos sociais ocorridos no Brasil e a transformação por meio das manifestações culturais. A importância deste trabalho revelou como as manifestações sociais podem e devem contribuir com o processo de democratização das comunidades por meio da resistência aos mecanismos autoritários. Essa análise serviu para compreender que os movimentos sociais realizados no Brasil nos últimos anos foi rico em ensinamentos, pois a população e demais órgãos sociais tiveram capacidade de se impor e de determinar suas ideias mostrando a todos o desejo maior da população geral. Neste contexto, percebe-se que a escola e a universidade podem ser um fator importante, podendo diante de determinadas condições caminhar na direção de uma ação transformadora, são as ideias que se conectam, uma vez que a formação da sociedade é tarefa da educação, possibilitando ao educando um ambiente estratégico de luta, na medida em que pode ser lugar de forças da nova sociedade.

Palavras-Chave: Movimentos sociais. Manifestação cultural. Educação. Ação transformadora.

Abstract

The referring work of completion of course, aims to carry out a deepening of the theme: Social transformation through cultural manifestations and educational in Brazil. Presenting the reader, a reflection on the social movements in Brazil and the transformation through cultural manifestations. The importance of this work revealed how social manifestations can and should contribute to the process of democratization of communities through resistance to authoritarian mechanisms. This analysis served to understand that the social movements carried out in Brazil in the last years were rich in teachings, since the population and other social organs were able to impose themselves and to determine their ideas showing to all the greater desire of the general population. In this context, it is perceived that the school and the university can be an important factor, being able to face certain conditions to move towards a transforming action, are the ideas that connect, since the formation of society is the task of education, enabling the learner a strategic environment of struggle, insofar as it can be a place for the forces of the new society.

Keywords: Social movements. Cultural manifestation. Education. Transforming action.

Introdução

A constituição de uma sociedade pautada pela honestidade tem sido uma referência norteadora das ações e objeto de reflexão dos problemas sociais. Contudo, o processo desencadeador de transformação social acontece no modo de construir o indivíduo e a coletividade por meio da experiência humana. Mediante essa constatação, depara-se com o desafio de fazer, com que as mentes, afetos, emoções e das necessidades do sujeito acionam-se a experiência de mudanças daquilo que lhe brota insatisfação.

¹⁰ Mestre em Ciência da Educação pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: kenedyminee@hotmail.com.

¹¹ Doutor em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro da Associação Latino-Americana de Linguística Sistemico-Funcional (ALSFAL). E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com.

Diante da importância que deve ser dedicado a relação entre os movimentos sociais e as manifestações culturais ao qual se consegue operar a transformação, através da ressignificação dos sentidos nele presente, onde a sociedade tem um espaço favorável para a luta dos valores e sentidos culturais de uma determinada comunidade, é que se pretende analisar o resultado positivo dos movimentos ocorridos no Brasil nos últimos anos. Mediante a uma série de insatisfações, sejam elas pela falta da garantia dos direitos mínimos para sobreviver, bem como pelo anseio de um país que tenha em sua essência um espírito humanitário, que busque voltar os olhos para as minorias afim de que todos possam usufruir daquilo que lhe é direito. Diante dos fatos observados, tanto por meio das mídias sociais quanto pela constatação das conversas em ambientes escolares, constatou-se que o motivou o qual levou que a o Brasil clamasse por mudanças, seria a insatisfação por conta dos altos índices de corrupção por parte da classe política do país, os entraves administrativos eram visíveis, como também os diversos problemas na estrutura social dos estados brasileiros.

As características de todos os movimentos são comuns quanto à resistência a determinada desordem, pois se expressam pela vontade de mudar e reconstruir algo a partir das ações que envolvam os interesses imediatos de um determinado grupo social específico. Ressaltando que as lutas coletivas sociais do Brasil não criam valores novos, porém de definem os já existentes.

O importante a mencionar é que a presença estudantil é forte em vários períodos da história brasileira, caminhando no sentido de construir uma ação transformadora. Desde a década de 60 até aproximadamente 70 os estudantes em suas lutas conquistaram grande resultado, devido ao contexto sócio-político e econômico da época, nesse sentido, o movimento social e cultural se torna rico em ensinamentos, o que converte afirmar da importância imperiosa de pesquisar esse momento, ainda não registrado no meio acadêmico ou fora dele.

O movimento social com base na soberania popular pode e deve contribuir com o processo democrático dos diversos seguimentos sociais existentes. De outro viés, acredita-se na potencialidade da relação prática educativa como um elo desencadeador de mudanças, pois a formação da sociedade é tarefa da educação por meio da resistência aos mecanismos autoritários. Acredita-se na virtualidade da relação prática educativa como um elo desencadeador de mudanças, pois a formação da sociedade é tarefa da educação, que com efeito pedagógico multiplicador das ações coletivas, deve junto à sociedade, capacitar os agentes para intervir na história, humanizando suas ações. Em Freire (2000) encontra-se essa sintonia, para ele, educar não é apenas um encontro de gerações, uma relação entre seres humanos em tempos - ciclos de maturidade desigual. É mais, é captar e intervir no duplo movimento histórico de humanização e desumanização (FREIRE apud ARROYO, 2000, p. 242).

A abordagem de Freire marcada pela ótica dos movimentos, onde o homem é portador de potencialidades, e a educação não será um preencher de conteúdos, mas será um questionamento que mantenha viva a busca do indivíduo, onde considera o desenvolvimento da efetividade do intelectual, dentro de uma perspectiva de conquista da cidadania. Busca também a ampliação da capacidade de perceber o mundo e influir nele, o ato educativo é um processo de formação de pessoas com consciência política, ou seja, são capazes de perceber, refletir, analisar e intervir em problemas sociais.

De modo geral, pode-se dizer que a educação é um processo pelo qual são transmitidas as pessoas os conhecimentos e atitudes necessárias para que tenham condições de se integrar a um grupo na sociedade. Utilizando a definição de Mannheim (1982) sobre grupo, o mesmo diz que é união de um número de indivíduos através de laços naturalmente desenvolvido ou conscientemente desejado, ou seja, uma situação comum de vários sujeitos numa estrutura social. Essas ideias comprovaram-se com os procedimentos metodológicos necessários à realização da pesquisa proposta, fonte uma pesquisa qualitativa, enfocando especialmente a situação de entrevista e o tratamento dos dados, com auxílio de conceitos de diversos autores, objetivando compreender efetivamente o processo de abordagem dos movimentos sociais sobre as ações pedagógicas. De fato, é possível efetivar a

construção do conhecimento referido para a investigação, gerando de modo amplo uma noção científica significativa, de acordo com relevância que subsidia a análise (MANNHEIM, 1982, p.70-71).

Nesse sentido, para entender a história dos movimentos sociais e culturais do nosso país, foi imprescindível buscar fontes que demonstram como se dá a construção de novas ideias, no sentido de conceber novas concepções acerca de um determinado fato existente na sociedade. Com esses estudos, verificou-se informações significativas, que trouxeram contribuições para o campo de estudo, ajudando no avanço do conhecimento.

Nessa direção, para aperfeiçoar o trabalho, optou-se pelo resgate da história das lutas populares ocorridas nos séculos XVIII, XIX e XX. Promovendo uma integração, na intenção de entender as origens dos conflitos e seu efeito no processo de mudança. Como também analisar o movimento cultural como ação coletiva, apontando a ação pedagógica como espaço de construção da consciência necessária para gerar alterações no ambiente social, pois o trabalho educativo, entre outros elementos, é uma forma de luta possível para transformar a sociedade nos diversos espaços.

No Brasil o mês de junho do ano de 2013, as manifestações sociais se evidenciaram na medida em que uma sucessão de protestos se disseminara por todo o país. O objetivo estava pautado na insatisfação de parte da população pelo fato do aumento das passagens no transporte coletivo da cidade de São Paulo. O que se viu foi uma união popular em prol da melhoria de algo que foi imposto à sociedade. Neste ano a população de certa maneira buscou passar um recado ao poder público que se viu pressionado e teve que reduzir o valor das passagens.

Por tanto, no intuito de entender a relação de movimento e ação social, pensou-se em aprofundar a temática, de qual pedagogia deve se propor para que a hipótese de determinados conhecimentos supere o grau do discurso e se transforme em uma consciência prática, é uma reflexão pedagógica provocada pela questão de teoria e prática, o problema é evidente quando o discurso com objetivos inovadores e revolucionários não conseguem transformar-se em processo de mudança social. Sob esse prisma analisando também o caráter educativo dos movimentos sociais.

Movimentos Sociais E Suas Repercussões Socioculturais

Para a elaboração dos dados compostos neste trabalho, foi realizada pesquisa bibliográfica acerca dos diversos movimentos sociais que já ocorreram no País, focalizando prioritariamente alguns que ocorreram no séc. XX. Estes por sua vez, demonstram o novo modo das lutas sociais no Brasil, destacando que o caráter urbano passa a ter uma maior dimensão no que se relaciona à formação de grupos sociais, surgindo assim, novas categorias de lutas e movimentos da classe trabalhadora reivindicando melhores salários e condições de vida, como uma forma de organização sistematizada e objetivada, voltada para as conquistas que beneficiaram várias categorias de trabalhadores.

Todas as categorias de lutas envolviam conflitos e essas manifestações sociais tinham características comuns, pois eram movimentos populares insatisfeitos com algumas práticas de agentes governamentais, como repressão das camadas populares, desigualdade social, problemas na estrutura política e econômica, questão latifundiária e etc., neste sentido cabe salientar o Movimento dos Pioneiros da educação que está relacionado à área do sistema educacional brasileiro. Este grupo manifestante foi gerado por uma série de educadores, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho etc., que participaram das reformas do ensino primário e secundário em vários estados brasileiros e tinham como objetivo, entre outras demandas, a criação de um sistema nacional para a administração de políticas educacionais, o ensino gratuito de caráter universal e a não diferenciação de sexos nas escolas etc.

A Revolução Constitucionalista foi outro movimento que ocorreu por insatisfações políticas do grupo paulista, decorrida de uma crise social e econômica. Essa luta teve apoio estudantil, onde alguns deles morreram e as letras iniciais de seus nomes deram origem ao MMDC – Movimento Constitucionalista. Houveram também o manifesto dos Grevistas em todo o Brasil ocorrido no período de 1961 a 1964, sendo este período um marco muito importante na história brasileira, uma vez que, foi palco de muitas agitações e conturbações, gerando a participação popular.

O movimento Diretas - Já, foi uma luta muito grande ocorrida no século XX, onde milhares de pessoas se mobilizaram e compareceram às passeatas e aos comícios organizados por comissões suprapartidárias, objetivando restabelecer a democracia no país por meio de eleições diretas para Presidência da República. Observou-se nas diversas lutas sociais, a participação ativa das pessoas em desenvolver um trabalho conjunto buscando um bem comum para todos. Gohn (1995) define que “Todas as lutas têm caráter histórico, são datadas, assim sendo ocorreram ao longo do século, tendo importância segundo a sua conjuntura sociopolítica”. (GOHN, 1995, p.61)

Ao longo de toda a história do Brasil, houve lutas de diversos movimentos entre elas estão as lutas sociais de classe operária por melhores salários, lutas da classe popular e média por moradia, a crise política de 64 com o golpe militar, e etc. Todas essas lutas tiveram características históricas e tendo maior ou menor importância segundo a conjuntura sociopolítica do país.

Fazendo um mapeamento dos movimentos ocorridos nos séculos XVIII e XIX, percebeu-se que as lutas dessa fase têm similaridade em seus objetivos, seja de caráter político, econômico e social, todas as lutas envolviam conflitos que abrangiam zonas rurais e urbanas, por estar diretamente relacionados com os elementos fundamentais no país, ou seja, o sistema de poder e controle político. Juntamente com toda essa desagradável situação havia os indivíduos com um valor supremo na busca de direitos de cunho social, trata-se de reivindicações de diversos problemas da época como: a questão da escravidão; lutas de pequenos camponeses; lutas pela mudança do regime político; etc., partindo então para construção de uma identidade pautada nos direitos respeitados de cada ser, contribuindo para promover o desenvolvimento do país.

O Brasil é um país com sistema econômico-político que gera problemas e conflitos sociais profundos e amplos, tendo na atualidade um enorme potencial na economia, no entanto, sua riqueza é distribuída de modo espantosamente desigual. A concentração fabulosa de riqueza e poder de uma minoria contrastam com a situação de miséria e de marginalização social, econômica e política da maioria.

Diante destes conflitos, o povo reage de formas diversas, dando vida a muitos movimentos sociais, como o que reativou a mobilização popular sufocada pelo período da ditadura militar. Neste sentido, temos o posicionamento de Gohn, que esclarece esse particular:

O período de 1964 – 74 correspondem a fase de grande repressão na sociedade Brasileira, imposta pelo regime militar. Mas, a despeito do grande controle social e político das prisões, torturas e perseguições, ocorreram várias lutas de resistência e movimentos de protesto no país. (GOHN, 1995, p.103)

Até os dias atuais há no Brasil muitos movimentos sociais, de lutas por terra e Reforma Agrária, pela habitação, lutas dos negros, dos índios, das mulheres, manifestações ecológicas e de aspectos cooperativos, e tantos outros. Grandes conquistas sociais e políticas foram resultados de mobilizações populares, como o Movimento pela redemocratização do país que trata da reestruturação de grupos desarticulados pelo golpe militar de 1964, este movimento democrático brasileiro foi base fundamental pela volta das condições democrática do país. A criação da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e a institucionalização das organizações populares, A Reforma

Constitucional de 1988, que teve grande participação de grupos organizados da sociedade civil de diferentes categorias e matrizes ideológicas – sociais; a Criação da Força Sindical em 1990, tendo como base de apoio o sindicato dos metalúrgicos da cidade de São Paulo, e várias outras conquistas.

Constatou-se que os movimentos sociais tiveram muitas repercussões, fazendo com que o povo se configurasse como o que constrói um projeto de sociedade e cidadania, que amadurece uma identidade nacional a partir de uma associação de entendimento comum, social, étnica e cultural em processo de integração e conflitos profundos. Neste contexto, surge o desafio de se compreender e valorizar as diferenças entre os agentes transformadores, promovendo uma integração criativa, para que de fato se entenda as raízes dos conflitos como passo para se construir estratégias de superá-los de modo justo e construtivo. Partilhando este entendimento, sustenta Gohn (2003) “Ter autonomia é fundamental, ter projetos e pensar os interesses dos grupos envolvidos com autodeterminação; é ter planejamento estratégico em termos de metas e programas.” (GOHN, 2003. p.17.)

Os movimentos sociais são vistos como uma ação coletiva de caráter social, político e cultural, voltado para o bem estar comum, referindo-se a esforços coletivos para promover algum tipo de mudança no poder, ou seja, é importante que haja um planejamento estratégico quanto às ações a serem seguidas, pois ajudará a alcançar a eficácia das mesmas, e isso nada mais é do que controlar as tomadas de decisões, selecionando os objetivos da organização e os meios para atingi-los. Dessa maneira a população poderá se organizar e manifestar-se de diversas formas, através de passeatas, denúncias, marchas, sempre no protesto de algo que sustentam suas insatisfações.

Os movimentos sempre existiram, expressando resistência àquilo que oprime, sendo a participação cidadã fundamental, pois fortalece a sociedade civil no sentido de construir ou apontar caminhos para uma nova realidade social sem desigualdades e exclusões de qualquer natureza, assim estarão proporcionando a diversos grupos a oportunidade de se apresentarem e colocar em foco suas ideias e ideais a serem alcançados, sendo assim, movimentos que marcaram a história do país e que de fato jamais poderiam ser deletadas da memória popular. A exemplo, tem o movimento social estudantil que é uma manifestação social de massa, formado em sua grande maioria por jovens. No Brasil esse movimento ganhou expressão nacional e peso social a partir da fundação da UNE, sendo este mais do que o órgão de representação dos estudantes universitários, a União Nacional dos Estudantes (UNE) é uma das principais organizações da sociedade civil brasileira, com uma bela história de lutas e conquistas ao lado do povo.

A UNE foi fundada em 1937, marcou presença nos principais acontecimentos políticos, sociais e culturais do Brasil, desde a luta pelo fim da ditadura do Estado Novo, atravessando a luta do desenvolvimento nacional, a exemplo da campanha “O Petróleo é nosso”, importante movimento de opinião pública da história brasileira em defesa das reservas petrolíferas do país e pela criação da Petrobrás, empresa que veio a nacionalizar as jazidas e colocar a produção sob o domínio estatal. Estando presente também no manifesto das Diretas Já e o impeachment do presidente Collor. Da mesma forma, foi um dos principais focos de resistência às privatizações e ao neoliberalismo que marcou a Era FHC (Fernando Henrique Cardoso). A UNE defende também, mudanças sociais profundas e é uma das organizações mais antigas da história do país que comanda as ações dos estudantes, como um movimento de massa e não de liderança.

O importante a registrar é que a presença dos estudantes é forte em vários períodos da História do Brasil, é um movimento social e está em disputa, sofrendo e reproduzindo as tensões presentes na sociedade, podendo, diante de determinadas condições, caminhar na direção de uma ação transformadora. Nessa perspectiva, grande parte de suas lutas estão vinculadas à defesa da garantia de direitos como a universalização do ensino superior público, o funcionamento democrático das instituições de ensino, etc. Todavia, no decorrer do século XX o movimento estudantil destacou-se exatamente por sua capacidade de transpor os muros das escolas e universidades e dar expressão

de massas a temas universais, pois era um espaço de atuação que permitia à juventude uma percepção de que os problemas brasileiros poderiam ser discutidos e enfrentados. Foi na década de 60 até aproximadamente 70 que a massa estudantil ganhou grande êxito, devido ao contexto socioeconômico e político da época que seria propício, para que houvesse grandes greves no Brasil, e os estudantes realizaram grandes manifestações, como confirma Gohn:

Em todo o Brasil. O período de 61 a 64 foi um dos de maior índice de greves da História brasileira. O clima político de lutas entre as facções e os grupos, aliado ao esgotamento do modelo econômico vigente, e os diferentes projetos para o país geraram um dos períodos históricos mais rico de participação social, ou mais agitado e conturbado, segundo outras óticas de leitura dos acontecimentos (GOHN, 2003. p. 100)

Participar do movimento estudantil, nesse período, era acima de tudo correr riscos de perder a vida, a esperança, e especialmente a liberdade, em uma época onde jovens morriam lutando por seus ideais, como aconteceu com o Jovem Edson Luiz, que era estudante secundarista de uma escola pública e provinha de uma família pobre, de imigrantes paraenses. Junto com seus companheiros, participava da organização de um protesto contra as más condições oferecidas pelo restaurante Calabouço, onde eram servidas as refeições principalmente aos estudantes pobres habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Protestos e passeatas ocorreram durante o ano em todo o país, o protagonismo juvenil nesses atos chamava a atenção, jovens que reivindicavam o direito de sonhar com um mundo melhor e lutar por ele. A união de estudantes era o caminho encontrado por muitos para dar força a suas ideias e reivindicar uma sociedade mais justa e igualitária.

Os estudantes lutavam pela Reforma Universitária e por mais verbas para a educação e posteriormente acabaram se aliando a outros setores da sociedade e se envolvendo com causas políticas mais amplas, como a luta pela derrubada da ditadura militar. Neste período de instabilidade houve também um movimento forte na região Pará – Tocantins, que foi nomeada como Guerrilha do Araguaia, da qual participaram dezenas de militantes do movimento, no início foi uma associação entre posseiros e pequenos lavradores com militantes do PC do B, esses últimos tentaram estabelecer uma base para a luta contra o regime vigente.

No Final dos anos 80 o movimento estudantil e demais movimentos já estariam bastante debilitados, pouco sobrou do movimento da década de 60 e 70. A esse respeito enfatiza Gohn:

Ao final dos anos 80. A ao longo dos 90, o cenário sociopolítico se transformou radicalmente. Inicialmente teve-se um declínio das manifestações nas ruas que conferiam visibilidade aos movimentos populares nas cidades alguns analistas diagnosticaram que eles estavam em crise por que havia perdido seu alvo e inimigo principal – o regime militar. Na realidade, as causas da desmobilização são várias. O fato inegável é que os movimentos sociais dos anos 70/80 contribuíram decisivamente, via demandas a pressões organizadas, para conquista de vários direitos sociais novos, que formaram inscritos em leis na nova constituição brasileira 1988. (GOHN, 2003. p. 19 e 20)

A crise dos movimentos populares deve ser considerada em seus devidos termos, características básicas de todo movimento social, quer popular ou não, eles não são instituições, sofrendo fluxo e refluxo, podem até se materializar em alguma organização, mas isso é uma provisoriedade. A organização pode morrer, mas a ideia geradora certamente persistirá, e esta ideia gerará o renascimento do movimento em outro contexto, que podem ganhar mais autonomia.

A partir dos anos 90, as formas de organizações populares eram mais institucionalizadas, as entidades públicas criaram associações e agremiações que se transformaram em sindicatos, as novas corporações se dividiram politicamente segundo a tendência sindical que apoiavam. Com esse entendimento Gohn diz:

A criação de uma central dos movimentos populares foi outro fato marcante nos anos 90 no plano organizativo. Ela estruturou vários movimentos populares em nível nacional, tais como a luta pela moradia, assim como buscou fazer uma articulação e criou colaborações entre diferentes tipos de movimentos sociais, populares e não populares. (GOHN, 2003. p. 20)

No Brasil, o movimento estudantil esteve presente nos principais momentos da vida política do país. Ética na política foi um movimento de grande participação da juventude, ocorrido no início dos anos 90 e teve uma grande importância histórica que contribuiu decisivamente para deposição via processo democrático de um presidente da república por atos de corrupção, porém quando falamos em ética, devemos ter muito cuidado quando se relaciona a política, pois ética embarga diversos adjetivos, na opinião de (CHAUÍ, 2002). Para que haja conduta ética é preciso que exista o agente consciente, que tenha conhecimento da diferença do bem e do mal, e da moral.

O campo ético se constitui pelos valores e pelas obrigações que formam o conteúdo das condutas morais, onde o sujeito deve ser responsável, ou seja, reconhecer-se como ator da ação, sempre avaliando os efeitos e consequências sobre si e sobre os outros, sendo assim, se a política tem como finalidade a vida justa e feliz, isto é, a vida propriamente humana digna de seres livres, então é inseparável da ética.

A luta pela ética na política até então era inédita no país, pois fez com que jovens insatisfeitos com ações, que fugia dos padrões éticos de uma sociedade, clamassem por mudanças, e isso contribuiu, na época, para o ressurgimento do movimento dos estudantes, que como já foi dito, estava frágil no fim dos anos 80, surgindo então os caras pintadas, a esse respeito vale ressaltar o comentário de Gohn:

O movimento dos caras – pintadas, composto basicamente por estudantes, secundaristas e universitários, surgido na Brasil por ocasião das passeatas e manifestações contra o ex-presidente Collor. Significou a retomada do movimento estudantil no Brasil, de forma nova, alegre, descontraída. (GOHN, 2003. p. 144)

O movimento estudantil é de grande importância, pois além do compromisso social, aquece discussões permitindo que o jovem amadureça suas ideias e as compartilhe, o que possibilita o desenvolvimento de uma consciência política muito importante para o país. Desde o período colonial na luta pela independência do jugo português, os estudantes brasileiros participam ativamente da luta de classes ocorridas no Brasil. O movimento dos caras – pintadas serviu para restaurar a força da juventude nas lutas pelas melhorias da sociedade, que havia sofrido um enfraquecimento. Houve no decorrer dos anos 90 outros movimentos, importantes que não tinha tanta presença nos anos 80, esses conflitos aconteciam, porque realmente existiam problemas na sociedade, as reivindicações de cada luta correspondem às questões sociais da época, com isso a população partia de valores fundados na cultura sócio- política existente, na interpretação da realidade da qual acredita ser a melhor para determinado seguimentos, naquele momento histórico.

Em tempos mais recentes as comunidades de base, o novo sindicalismo, o movimento dos Sem Terra pela reforma agrária, enfim, todos esses atores sociais têm influenciado significativamente em questões políticas do país, a resposta disto é o fato do ex presidente da república ter sido um dos principais líderes, talvez mesmo o principal do sindicalismo, que fincou suas raízes iniciais na República Operária de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo, entre o fim da década de 1970. Segundo Gohn:

A retomada do movimento sindical combativo ocorreu, a rigor, antes de 1976. Já em 1974, a região do ABC renovava seus quadros incluindo personagens que entrariam para a história do país, não só naquele período, mas nas décadas seguintes, como o caso de Luiz Inácio Lula da Silva (GOHN, 2003. p. 116)

A chegada do PT ao governo Federal, alcançando a presidência da república, o operário que simbolizou o surgimento do novo sindicalismo e influenciou a ascensão de uma diversidade de organizações no Brasil contemporâneo, ou seja, uma cidadania com ideias revolucionárias, representando mudanças profundas, que até então operavam no seio da sociedade brasileira, todas as conquistas foram frutos de articulações advindas das bases dos movimentos sociais, o qual representou um momento de consagração das lutas sociais, pois significou a chegada ao governo de alguém que é produto dos próprios movimentos sociais.

Em síntese pode-se dizer que as ações coletivas em toda História brasileira, foram impulsionadas pelos anseios de mudanças, os quais obtiveram legitimidade social por expressarem necessidades, desejos e anseios de grandes contingentes populacionais, seja em aspectos políticos, sociais, éticos ou culturais do país, pela vontade de se construir algo a partir de ações que envolviam interesses imediatos dos indivíduos e grupos. Os movimentos populares expressaram a construção de um novo paradigma de ação social, fundada no desejo de se ter uma sociedade diferente, sem discriminações, exclusões ou segmentações. Vale ressaltar que as ações coletivas dos movimentos sociais do Brasil atual, não criaram valores novos, mas apenas redefiniram os já existentes, a partir do resgate de valores como os dos direitos humanos, da cidadania, da liberdade de expressão, e da autonomia. O resgate e a mistura deram caráter distinto às atuais lutas, em relação às do passado.

Com o resgatar de lutas dos movimentos sociais ocorridos em vários séculos da história do país, resgatam-se também os objetivos dos atores que a fizeram, situando os acontecimentos em seus devidos lugares, como frutos das ações e das práticas sociais.

A Escola Como Ambiente Motivador

As experiências vividas no cotidiano cultural podem ser inspiradas pelas concepções pedagógicas, significa dizer que a escola é um espaço favorável para transformação dos valores e sentidos culturais próprios de uma comunidade ou de um indivíduo.

Entende-se que a pedagogia de tendência libertadora, onde predominam os diálogos entre professor e aluno, ambos sujeitos do ato do conhecimento, prima pela educação que se dá a partir da codificação do entendimento empírico da realidade, em forte presença na construção do senso comum pedagógico. Enfim, acredita-se que o senso comum revela as mudanças pedagógicas e sociais pela via do discurso, tornando-se ativo na transformação através da prática, pois o diálogo que não leva a ação transformadora é puro verbalismo.

A prática pedagógica consegue operar mudanças através do sentido nele presente, as mudanças nascem em consequência à insegurança de insatisfação do indivíduo, a partir de então emerge possibilidades de transformação. A intenção da consciência prática tem importância na própria consciência que é fruto da experiência existencial e é, a capacidade de autotransformar que permite analisar a transformação das consciências políticas ingênuas e pedagogicamente submissas,

em consciências críticas e autônomas. O objetivo fundamental da prática neste contexto é a transformação social das pessoas e das estruturas, à medida que operam mudanças na sociedade, nas relações da sala de aula, nas instituições, uma organização de caráter social, religioso ou filantrópico, mudanças também nos movimentos políticos e nas relações do cotidiano.

A complexidade da questão pautada reside no momento em que há certa ineficácia da pedagogia acadêmica construída na universidade, sendo que muitas vezes se elabora um discurso pedagógico aparentemente transformador, porém incapaz de construir indivíduo de transformação social, assim diz Gadotti:

Como pode o educador assumir um papel dirigente na sociedade se na sua formação o todo social resume-se a uns poucos conhecimentos de métodos e técnicas pedagógicas ou uma história da educação que se perdeu no passado e nunca chega aos nossos dias? Como pode esperar que as novas gerações sejam educadas para o progresso, o desenvolvimento econômico e social sem uma sólida formação política? (GADOTTI, 2004.p. 89)

A construção de uma política social voltada para as lutas populares deve ser reforçada na academia, uma vez que é um espaço de discussão crítica, o qual deve ser um laboratório de análise da sociedade em que o indivíduo está inserido. Dessa forma, se a teoria não se tornar consciência prática, permanece no nível do discurso. Sobre este assunto, vale trazer o ponto de vista de Freire:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 1996.p. 39)

Constatou-se que é através do caminho da prática ou da reflexão, que se constitui o processo pedagógico mais importante e rico para a presente análise, uma vez que estará trabalhando e construindo a consciência crítica do indivíduo, para se construir o sentido dos acontecimentos. O objetivo da prática pedagógica é promover o homem a sujeito de sua própria educação, despertando a consciência de que ele não está pronto, mas precisa se complementar, capacitando-se ao exercício de uma consciência crítica de si mesmo, do outro e do mundo. A práxis no processo educacional tem possibilidades de desenvolver o ser humano na sua totalidade, favorecendo a busca do viver significativo e a formação de indivíduos com moral e ética elevada, ou em outras palavras, é o elemento que desenvolve a consciência crítica acerca do valor que o indivíduo tem como seres atuantes na sociedade, contribuindo para a formação integral do ser humano, permitindo com isso, a formação de pessoas conscientes do seu papel no mundo.

Considerações Finais

Com base na pesquisa realizada acredita-se que os movimentos sociais são ações coletivas de caráter, político e cultural construídos por atores de diferentes classes e camadas sociais. Historicamente observa-se que eles têm contribuído para organizar e conscientizar a sociedade, pois apresentam um conjunto de demandas via prática de mobilização, podendo notar através das lutas a realização da prática diante da teoria, haja vista, que os integrantes dos movimentos são pessoas com consciência política, capazes de perceber, refletir, analisar e intervir em problemas sociais.

Considera-se a importância do caráter pedagógico para fazer do indivíduo um sujeito transformador e resistente, sendo uma prática de liberdade e, ao mesmo tempo, do autoconhecimento. No entanto, o poder de autotransformar permite avaliar o processo da construção de uma Práxis Pedagógica que é importante na medida em que está analisa e discute questões que

instigam a transformação do sujeito na realidade social em que este vive. Com isso desenvolve a consciência crítica, nas relações educativas, nas instituições, nos movimentos político-sociais e etc. Por isso, se a ação pedagógica é transformadora, ao se incorporar ao sujeito, modifica tanto o seu pensar quanto o seu agir.

Porém o processo da ação social acontece com a participação da criança, da juventude, do idoso, construindo novas relações e consciência. Nesse contexto a de se destacar, o movimento estudantil, enquanto movimento social, que se desenvolve dentro das populações escolarizadas, que por princípio é uma instância de luta em prol da democratização. Graças às inúmeras pessoas que lutaram ao longo do tempo, principalmente na ditadura militar, o movimento estudantil se tornou sinônimo de credibilidade.

Espera-se que este seja o caminho seguido por todos os estudantes e também população do Brasil, pois a luta contra o sucateamento da máquina pública, deve ser firme e decidida uma vez que se trata de políticas públicas que visam à melhoria do processo de estruturação do país. As paralisações ocorridas em várias capitais do país, foi de suma importância para se atentar quanto aos direitos dos indivíduos que estão diretamente ligados a instituições (discentes, docentes e servidores), bem como os diversos segmentos da sociedade civil enquanto cidadãos. Contudo espera-se que as autoridades competentes, desempenhem um papel social como uma instância de construção de valores e visões de mundo, formando não somente profissionais, mas também sujeitos ativos e críticos que tenham a consciência de que as reivindicações em qualquer manifesto, é o fato de permanecer-se organizados e prudentes.

Referências

- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**, Petrópolis: Vozes, 2000.
- CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: Escola é mais da escola, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite a filosofia**, 12ª edição, São Paulo, Ática: 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da luta**: A Pedagogia do oprimido-(série “Educação Internacional” do Instituto Paulo Freire.), São Paulo, Papirus, 1997.
- GOHN, Maria da Glória (Org.). **Movimentos Sociais no Início do Século XXI**: Antigos e novos atores sociais, Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- GOHN, Maria da Glória. **Historia dos Movimentos e lutas Sociais**, 3ª. Ed., São Paulo, Loyola. 2003.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos, São Paulo: Loyola, 1997.
- MANNHEIN, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (Org.). Mannheim: Sociologia. São Paulo: Ática, 1982. Col. Grandes Cientistas Sociais.

INCLUSÃO DE SURDOS COMO DIREITO GARANTIDO EM LEI

Kenedy Martins Miné¹²
Bruno Gomes Pereira¹³

Resumo

O referente trabalho tem por objetivo demonstrar que no Brasil, poucos surdos conseguem alcançar níveis de escolaridade mais avançados do que os alunos ouvintes. Para justificar essa prática de exclusão na sociedade, o artigo irá demonstrar que boa parte desses alunos, mesmo que frequentem as instituições de ensino, não são capazes de desenvolverem o básico, que seria ler ou escrever algum tipo de texto. A escolaridade, enquanto direito de todos, é um importante aliado para que os surdos tenham sua cidadania assegurada, como por exemplo, alcançar o seu espaço no mercado de trabalho. É notória a importância em abordar temas relacionados à inclusão, pois, percebe-se o quanto grande é o descaso educacional em todas as suas esferas aqui no Brasil. Por isso faz-se necessária uma medida satisfatória para a capacitação de profissionais, como também a educação dos cidadãos para que esses índices venham a ser minimizados. Contudo este artigo tem a finalidade de analisar as possibilidades de contribuição para a inclusão de pessoas com surdez no ensino comum, através de um espaço de ensino favorável à pesquisa e aprendizagem em educação especial, desenvolvendo ações que visem à superação das atuais condições de desigualdades dentro do ambiente escolar.

Palavras chave: Inclusão. Prática pedagógica. Surdos.

Abstract

The referent study has to demonstrate that in Brazil, few deaf people can achieve more advanced levels of education than listening students. To justify this practice of exclusion in society, this article will demonstrate that many of these students, even attending educational institutions, are not able to develop the basics that would be read or write any type of text. Schooling as a right for all, is an important ally for the deaf people to have their citizenship ensured, for example, reach your space in the labor market. These findings emphasize the importance of showing issues related to the inclusion. Therefore, we all realizes how big is the problem of education in all the spheres here in Brazil. Therefore it is necessary for a good satisfactory professional training, as well the education of the citizens so that these rates will be minimized. However, this article aims to analyze the possibilities of contributing to the inclusion of deaf people in normal school .Through a space that conducts teaching and learning research in special education, developing actions aimed to overcoming the current conditions of inequality within the school environment.

Keywords: Inclusion. Practice. Teaching. Deaf.

Introdução

Este trabalho busca tratar do atendimento de pessoas com necessidades educacionais especiais. Estamos diante a uma situação que se agrava a cada dia mais nas escolas do nosso país. A inclusão de com necessidades especiais nas escolas regulares de ensino comum. Hoje em dia muito se fala sobre o trabalho que deve ser realizado com este público dentro das escolas, contudo o que se percebe é que na prática tudo está ao contrário daquilo que se espera quando falamos em direitos de aprendizagem. Neste sentido quem seria de fato o principal personagem no processo de construção da aprendizagem deste aluno? Seria o gestor o principal personagem deste processo? Seria o aluno portador de necessidades especiais? Ou seriam os órgãos competentes responsáveis por garantir uma educação de qualidade voltada para a formação intelectual do ser humano?

¹² Mestre em Ciência da Educação pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: kenedyminee@hotmail.com.

¹³ Doutor em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro da Associação Latino-Americana de Linguística Sistemico-Funcional (ALSFAL). E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com.

Vários são os questionamentos inerentes a essa temática, que tem por objetivo abordar situações que acontecem dentro dos âmbitos escolares e poucas são as ações para que de fato essas crianças e adolescentes consigam aprender os conteúdos até então aplicados.

Em conformidade com González (2007), atendimentos especiais não podem ser feitos aleatoriamente, necessitam de um atendimento específico para cada deficiência, e que os portadores de necessidades especiais não podem nem devem ser tratados como seres incapazes, acreditando que a sua deficiência se trata de uma disfunção neurológica. Contudo, o autor faz a definição das pessoas que necessitam de um atendimento especial, são aquelas que:

[...] Apresentam algum tipo de deficiência física, psíquica ou sensorial, ou que estão em situação de risco social ou de desvantagem por fatores de origem social, econômico ou cultural que os impedem de acompanhar o ritmo normal do processo de ensino-aprendizagem. Por meio desses atendimentos especiais pretende-se conseguir o máximo desenvolvimento das possibilidades e capacidades desses alunos, respeitando as diferenças individuais apresentadas ao longo desse processo. (GONZÁLEZ, 2007, p. 19).

O autor é enfático ao expressar as características específicas que precisam ser observadas no processo educacional, e mais do que isso, se torna necessário que os profissionais que estão inseridos no contexto social deste aluno, precisam conhecer a fundo a sua necessidade, para daí começar traçar sua estratégia de ensino. No campo da educação, o processo educacional sofre grandes repressões pelo fato de não saber ainda distinguir os tipos de deficiências que chegam até a escola. Pensando em um contexto escolar democrático, espera-se que as autoridades competentes criem mecanismos de inserir dentro das escolas profissionais capazes de dar o suporte necessário para o corpo docente, uma vez que parte destes não possuem qualquer tipo de especialização voltada para o trabalho com alunos especiais. Acreditando que isso um dia venha acontecer, estudos nos encaminha a acreditar que a educação de pessoas com necessidades especiais ainda tem salvação, mas para que isso aconteça é necessário que a análise de diversos pontos, que sejam feitas para que todo esse sonho se torne realidade em nossas escolas.

É notória que a função da escola é a de garantir o atendimento de todo e qualquer aluno que deseja se matricular, para que isso de fato venha se concretizar é mais que necessário que a equipe diretiva da escola acolha estas crianças afim de que se garanta os seus direitos previstos na lei de diretrizes e bases da educação LDB9394/96. Como vemos em seu Art.58.

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

Se a escola possui uma gestão eficiente ela será bem vista pela sociedade, se possui uma gestão despreparada que busca apenas atender o básico, o resultado é o que mais percebemos na maioria das escolas do Brasil, totalmente despreparada.

É imprescindível que todos os envolvidos comecem a se adaptar com essa nova cultura que surge nos dias de hoje, ou seja, uma “cultura de inclusão”. Mas para que isso ocorra de forma positiva, é indispensável que o diálogo, o respeito, a solidariedade, a humildade uns com os outros se concretize dentro dos espaços educacionais. Quando é disseminada uma ideia positiva dentro de uma escola, o trabalho se torna menos árdua e passa a se tornar prazerosa, para que isso se concretize, o professor

se torna um dos principais personagens deste contexto educacional uma vez que é ele quem irá está desenvolvendo um trabalho direto com os alunos com necessidades especiais.

Discussão Teórica

O ambiente escolar, tem o poder de socialização, a partir do momento em que os seus envolvidos comecem a mudar os velhos paradigmas, o tradicionalismo, fica mais viável uma educação de sucesso que atenda a todos os que nela se encontram. O que de fato devemos fazer é nos adaptar ao novo cenário que se apresenta, e fazer com que a nossa postura favoreça também as nossas práticas dentro da escola. Não adianta ficar tentando mudar essa realidade e se submeter ao tradicionalismo, mesmo porque nos dias de hoje é possível perceber o quanto as crianças possuem a facilidade de manuseá-las, como por exemplo o computador, a internet, os jogos etc.

Sabemos que é indispensável que todos se envolvam e participem efetivamente de tudo o que será desenvolvido dentro da escola, tanto pais, alunos, professores, diretores, coordenadores etc. Essa participação é o único meio de garantir e assegurar uma educação capaz de atender todas as demandas de ensino. Porém devemos ter em mente que dentro deste processo não se admite autoritarismo nas tomadas de decisões, o trabalho coletivo e a troca de ideias é o que irá determinar o sucesso nas práticas dentro da escola e de fato para que isso ocorra é necessário um planejamento envolvendo todos os componentes dentro da instituição de ensino.

Ao analisar os âmbitos do planejamento, podemos afirmar que, um bom planejamento tem a possibilidade de transformar um ambiente educacional. Segundo Gandin (2008, p. 169):

Uma delas, a mais frequente na prática, é a que utiliza o planejamento como um processo para organizar a prática, melhor dito para fazer bem as coisas que já estão definidas, mesmo que não se saiba bem por que essas coisas devam ser realizadas e repetidas. A segunda, já presente nas reflexões das pessoas, é a que pensa o planejamento como um processo de transformação da realidade e, por extensão, da construção de uma nova realidade.

Neste sentido, o planejamento, tem como fundamento fornecer o sucesso do processo educacional, como também o tornar transmissor de algo que já foi imposto, impedindo os sujeitos de questionarem a respeito de determinada finalidade e funcionalidade.

A educação inclusiva ainda nos dias de hoje, encontra um grande entrave dentro das instituições de ensino, é necessário reconhecer que todas as pessoas possuem diferenças, mas essas diferenças não deveriam servir para marcá-las.

Como conhecedores dos direitos e deveres dos cidadãos, não podemos admitir que a sociedade se cale para tal situação. Os portadores de necessidades especiais não são culpados por terem nascidos com tal deficiência, como também tem seus direitos e deveres garantidos por lei como qualquer outro cidadão, e podendo assim usufruir dos princípios da cidadania que consistem na prática da mesma.

O grande entrave que encontramos nos dias de hoje, infelizmente está nas relações entre os seres humanos, o preconceito existente dentro da sociedade, é uma prática que cada vez mais agrava um possível desenvolvimento do surdo nas salas de aula de ensino comum. Se houver uma conscientização tanto da família, da sociedade e da escola, com certeza esses resultados seriam positivos e todos os alunos alcançariam os seus objetivos dentro das instituições de ensino.

Para haver a inclusão, a língua de sinais é o ponto de partida que dará sustentação e equilíbrio a todas as reflexões que tratem sobre a temática. Logicamente, a partir de um desenvolvimento linguístico natural, outras características podem surgir, determinando formas dialetais diferentes.

A grande limitação que existe dentro da própria família em se adaptar à realidade do surdo, é um fator que dificulta bastante o processo de ensino e aprendizagem do mesmo. Se houvesse uma formação voltada também para os que se relacionam com o aluno com surdez.

Esse processo poderia ser dado naturalmente, porém torna-se imprescindível que essa realidade seja revista, para que de fato seja criado um meio linguístico que busque suprir tal limitação. O ambiente no qual o aluno surdo está inserido, deve estar contido de condições mínimas de trabalho, ou seja, tanto o aluno, como o professor e os colegas, deve se interagir.

Com o objetivo de fazer com que a surdez não seja vista como um empecilho para a aprendizagem e sim como uma forma de interação e aprendizagem sobre toda e qualquer tipo de deficiência. Sendo assim torna-se viável uma possível transformação na forma como as pessoas irão ver o mundo. As diferenças e os preconceitos tendem a diminuir, pois com a adaptação dos mecanismos pedagógicos, a mudança pode acontecer.

Quando tratamos sobre a linguagem de sinais, não se pode restringir achando que este é o único e possível meio de comunicação entre os surdos. Essa língua apesar de possuir um critério básico para a aprendizagem da língua falada, não pode ser vista como único método de ensino dentro do processo de inclusão social dos surdos, pois existem deficiências ainda maiores dentro do processo educacional que devem ser revistas a fim de que minimizem as dificuldades encontradas de todos os envolvidos no mesmo. De acordo com Bueno (2003, p.9):

Não podemos deixar de considerar que a implementação da educação inclusiva demanda, por um lado, ousadia e coragem, mas, por outro, prudência e sensatez, quer seja na ação educativa concreta (de acesso e permanência qualificada, de organização escolar e do trabalho pedagógico e da ação docente) ou nos estudos e investigações que procurem descrever, explicar, equacionar, criticar e propor alternativas para a educação especial.

O atendimento didático aos alunos com surdez pode ocorrer de preferência em horário alternativo aos das aulas comuns, pois o mesmo consiste em ensinar o aluno a ler e escrever. Podendo o educador utilizar diversos tipos de metodologias no desenvolvimento nas aulas de ensino comum, como por exemplo, o uso de imagens, murais, vídeos, maquetes etc. A educação inclusiva não pode ser considerada como uma metodologia impossível de ser realizada, basta que os envolvidos no processo educacional, atentem-se aos recursos que podem ser utilizados no ensino do aluno com surdez.

A inclusão deve acontecer de forma gradativa proporcionando a ambas as partes a obterem uma aprendizagem que seja de fato qualitativa no sentido de aprimorar os conhecimentos tanto do surdo quanto do ouvinte. O professor sempre será o mediador do conhecimento que o aluno absorve no período em que está dentro da escola, devido a isso, deve ter a consciência da sua importância dentro de sala e buscando sempre estar atento ao aluno no qual ele está ensinando.

Para que a exclusão social seja encarada como um desafio a ser mudado, é necessário que exista uma educação compromissada, que busque primeiramente compreender todos os fatores individualmente, como por exemplo, as formas de como discutir e com quem discutir as mudanças necessárias. Ter embasamento teórico suficiente para demonstrar a importância em discutir inclusão social. Existe uma grande necessidade em criar um espaço adequado para atender as diferenças entre as crianças com deficiência.

Os órgãos competentes precisam buscar refletir melhor sobre a importância de abordar tal temática que de certa forma envolve boa parte da população brasileira, criar projetos voltados para a educação inclusiva e compreender de uma vez por todas que as crianças surdas no Brasil, são capazes de aprender a ler e escrever como qualquer outra criança. Pois incluir, no contexto do surdo, não significa apenas o inserir numa sala de ensino comum, e acreditar que ali ele seria capaz de aprender como os outros, não que ele seja capaz de aprender, mas que o objetivo do projeto seja respeitar suas diversidades, atendendo todas as suas necessidades.

Devemos ter em mente que só com a efetivação de práticas educacionais, os resultados nem sempre serão precisos como deveriam ser. A criação de leis para que seja regulamentada e garantida a inclusão social, deve vir acompanhada com a capacitação dos profissionais que estão envolvidos no processo de formação do aluno. Somente assim poderemos quem sabe dar credibilidade aos responsáveis por garantir de fato que esses direitos sejam colocados em prática.

Dessa forma, o ensino para surdos seria um ensino de qualidade que poderia ser aplicado, considerado e empregado de forma clara e objetiva. No entanto, acredita - se que, com a participação de todos que estão envolvidos no processo de inclusão e aprendizagem do surdo, poderíamos alcançar altos índices de entendimento e qualidade do aprendizado deste aluno. E só assim diminuir o preconceito e a exclusão do mesmo nos ambientes tanto escolares quanto sociais em que ele se encontra.

Pontos positivos e negativos da inclusão

Olhando de um ponto de vista crítico, nós estamos diante a uma situação que a cada dia que passa vem se tornando comum em nossas escolas, a inclusão de alunos com necessidades especiais. Sabemos que durante um longo período da nossa história, os índices de exclusão social eram muito relevantes. A falta de informação e o preconceito faziam com que os nossos antepassados tratassem esses portadores como seres diabólicos e que mereciam castigos para serem purificados. Contudo no decorrer desta mesma história, essas concepções foram mudadas através das teses e trabalhos acadêmicos que por meio de novas sínteses foram formulando novas reflexões acerca do trabalho voltado para pessoas com deficiência.

A história vai se confirmando a cada geração que se passa, já na idade contemporânea, percebe-se que não somente foram respeitadas as diferenças como também garantidas por lei. Desta forma, o Brasil vem avançando em direção ao direito da escolaridade das pessoas com deficiência e neste processo destacam-se as seguintes leis:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, no seu artigo 4.º, inciso III, definiu como dever do Estado a garantia de atendimento especializado gratuito aos educandos “com necessidades especiais, preferencialmente, na rede regular de ensino”.

A Lei 7.853, de 1989, obrigou o Estado a apoiar os portadores de deficiência em sua integração social. Leis e decretos definiram normas gerais e critérios básicos para o atendimento às pessoas deficientes. Criou- se, no Ministério da Justiça, o Conselho Nacional de Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência.

Através do Decreto 3.956, de 2001, foi ratificada a Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiências.

A Câmara de Ensino Básico do Conselho Nacional de Educação (Parecer 2/01) definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para educação especial e o Parecer 17/01 estendeu essas diretrizes para toda a Educação Básica.

Sendo assim, a LDB, demonstra através dos seus artigos e incisos que a educação de alunos com necessidades especiais deve acontecer preferencialmente nas classes de ensino comum. E que o educador necessita receber uma formação de qualidade que o capacite para desenvolver atividades voltadas para o público com necessidades.

Contudo cabe a nós educadores fazer o seguinte questionamento acerca desta legislação. Será que o professor está realmente capacitado para lidar com tal situação? E a escola fornece estrutura suficiente para atender aos mesmos? Sendo assim, como educadores devemos acreditar que o processo de inclusão social é eficaz a partir do momento em que ambas as partes se comprometam com o que está estabelecido por lei. Não adianta ficar de braços cruzados aguardando que a mudança venha de fora, ela deve partir de dentro, ou seja, a partir do momento em que me comprometo com a realidade do ambiente onde estou inserido, eu consigo desenvolver sim atividades que possibilitem o crescimento intelectual de todo e qualquer tipo de aluno.

Para que isso ocorra de forma clara e objetiva, devemos ter em vista a análise da condição física de uma pessoa com surdez por exemplo, podemos classificá-lo em algum dos cinco níveis dos quais estão relacionados a seguir:

Leve (26-40 dB) – Pode apresentar algum tipo de dificuldade em comunicação ou expressão.

Moderado (41-55 dB) - Apresenta um vocabulário limitado e problemas na fala.

Grave (56-70 dB) – Pode apresentar dificuldade na utilização da linguagem e compreensão, além de vocabulário limitado.

Severo (71-90 dB) – Pode ser capaz de perceber sons altos ao redor, porém apresenta acentuada dificuldade na linguagem e na fala.

Profundo (acima de 91 dB) – Auxílio da visão para a comunicação. Grave dificuldade na linguagem e na fala.

Ao analisar esses graus de deficiência, o profissional que irá trabalhar com o aluno com necessidades especiais, terá um embasamento teórico para desenvolver um bom trabalho, uma vez que já se tem uma noção científica para realizar uma tarefa direcionada em conformidade com a sua necessidade. E assim deve ser também com os demais tipos de necessidades especiais. É indispensável que o professor busque cada dia mais se capacitar para assim quem sabe garantir aquilo que está previsto em lei.

A educação inclusiva precisa ser cumprida, o que de certa forma impede o avanço nos resultados a serem obtidos, é a própria instituição que poderia investir na formação dos seus professores e capacitação, para que os mesmos tenham interesse em educar sem levar em conta as dificuldades existentes no âmbito escolar. Vale ressaltar que isso não significa que devemos ficar acomodados com a situação, o que não pode é achar que isso é empecilho para prejudicar o desenvolvimento daqueles que têm a escola como única fonte de educação.

O que poderia ser feito para que esse quadro se revertisse?

Primeiro, valorizar as diferenças, afim de que o preconceito seja extinto da sociedade ou pelo menos amenizado, pois sabendo respeitar essas diferenças, o ser humano será capaz de mudar a realidade existente tanto dentro da escola como no nosso dia a dia.

Segundo, descobrir e valorizar as potencialidades, a partir do momento em que o aluno se vê em meio às diferenças, ele valoriza o próximo e desenvolve também diversos tipos de potencialidades que permitirão ao mesmo ser melhor naquilo que ele for fazer.

Terceiro mudar as metodologias de trabalho, algumas metodologias utilizadas nos dias de hoje, podem ser consideradas como arcaicas, é preciso que o educador saiba inovar a fim de promover uma significativa mudança no processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Oferecer serviços de apoio quando necessário, é fundamental para o bom desempenho do aluno. A sua permanência dentro da sala de aula, está diretamente vinculada ao preparo do professor, pois o mesmo servirá de suporte para a interação como os demais alunos. Por isso esses aspectos podem ser considerados fundamentais na educação dos alunos com necessidades especiais.

A partir do momento em que o educador se identifica como mediador do processo educacional, ele se coloca como um dos responsáveis pela mudança da realidade, ele assume o tão sonhado papel de transformador da sociedade. E seguindo os princípios citados acima, eles conseguirão de fato alcançar os objetivos traçados para atender alunos com necessidades especiais. O benefício se estende também aos alunos considerados “normais” por parte dos cidadãos dentro da nossa sociedade.

Considerações Finais

É importante que enquanto educador, o profissional saiba reconhecer a importância em trabalhar com classes heterogêneas. Além de proporcionar ao mesmo novas habilidades educacionais, ele estará contribuindo com o processo de desenvolvimento educacional de um aluno com necessidades especiais. E trabalhar com esse aluno nas classes de ensino comum, promove uma imensa troca de experiências no processo de interação dos alunos ditos como “normais”. Para que o resultado seja positivo, o educador deve promover atividades com o intuito de mostrar a todos, que as diferenças sejam respeitadas, independentemente elas quais forem. Conviver com a diversidade faz com que os alunos desenvolvam características ímpares e fundamentais para viver em sociedade, sendo elas: Valores, respeito mútuo, diferenças, espírito de competitividade entre outros.

A socialização voltada para a inclusão desenvolve a responsabilidade e as necessidades específicas dos alunos. O professor como mediador deste processo deve criar mecanismos que possibilitem aos educandos um conhecimento verdadeiro, capaz de fazer do mesmo um cidadão culto. Tomando para si a responsabilidade de transformar o meio em que ele se encontra, ele estará cumprindo com aquilo que estabelece as leis de diretrizes e bases da educação.

A capacidade do educador não consiste apenas em ensinar, o mesmo tem o papel de ensinar os valores, direitos e deveres do cidadão, fazendo com que ele conheça de fato a realidade de uma sociedade. E saber lidar com essas diferenças, é fundamental para que de fato ele seja o mediador do ensino, da aprendizagem e principalmente da inclusão social em todos os seus aspectos.

Sendo assim, tomando como fundamento as medidas citadas, poderemos sim fazer que o processo de inclusão seja caracterizado e visto de forma positiva. Sabe-se que não é um processo fácil de se estabelecer, contudo somente o tempo e a força de vontade dos profissionais envolvidos no processo educacional poderão nos dar uma resposta positiva sobre a inclusão social.

Cabe a cada um refletir e rever suas potencialidades proporcionando ao próximo àquilo que se espera de uma nação, um País desenvolvido e alfabetizado capaz de produzir riquezas através de cidadãos educados e capacitados dentro do ambiente escolar.

Referências

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB Lei nº 9394/96. Brasília – DF, 1996.
- BUENO, Arlete Aparecida Bertoldo. Reflexões desenvolvidas na tese de doutorado: **A Prática Pedagógica do Professor de Alunos com Deficiência Mental**, Unimep, 2003.
- GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, político religioso e governamental**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GONZÁLEZ, Eugênio. **Necessidades educacionais específicas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OS RECEBIMENTOS NOS TEXTOS ANCHIETANOS COMO REPRESENTAÇÃO DA CHEGADA DA SALVAÇÃO

Mirian Aparecida Deboni¹⁴

Resumo

Este texto busca analisar como os recebimentos dos padres Marcos da Costa, Bartolomeu Simões Pereira e Marçal Beliarte em uma determinada aldeia foram utilizados por José de Anchieta para dar um caráter de exemplaridade e figural a esses personagens históricos, fazendo com que a visita à aldeia seja vislumbrada como renovação e repetição do evento da vinda de Jesus Cristo ao mundo. Para o estudo desse aspecto, trabalharemos com trechos dos seguintes textos anchietanos: *Recebimento do Padre Bartolomeu Simões Pereira*, *Recebimento do Padre Marcos da Costa*, *Recebimento do padre Marçal Beliarte*¹⁵.

Palavras-chave: Autos, José de Anchieta, Literatura colonial.

Abstract

This text seeks to analyze how the receipts of the priests Marcos da Costa, Bartolomeu Simões Pereira and Marçal Beliarte in one determined native village was utilized by José de Anchieta to give a character of exemplary and figural to these historic persons, making the visit to the village is envisioned as a renewal and repetition of the event of the coming of Jesus Christ to the world. To the study of this aspect, we will work with excerpts from the following texts of Anchieta: *Recebimento do Padre Bartolomeu Simões Pereira*, *Recebimento do Padre Marcos da Costa*, *Recebimento do padre Marçal Beliarte*.

Word-key: Plays, José de Anchieta, Colonial Literature.

Os atos comemorativos de recebimentos de pessoas ou relíquias eram bastante comuns no século XVI¹⁶. Em seu tratado sobre a terra e a gente do Brasil, Fernão Cardim (1925) registra inúmeros eventos desse tipo, os quais, segundo ele, davam-se com procissões, encenações e outros eventos.

Na carta anual de 1584, dirigida ao Geral da Companhia, o padre Cláudio Acquaviva, Anchieta deixa bem claro em seu relato como eram feitos os recebimentos das relíquias que chegavam à colônia:

As relíquias, que este ano nos foram mandadas, foram trazidas da catedral para a nossa igreja, com solene procissão e grandes festas, participando o clero e o povo. Estavam, a essa altura, as ruas ornamentadas de folhagens e de flores e, de pé, a um lado e outro do percurso, as seguintes figuras: a Devoção, a Paz, a Castidade e o Anjo Custódio desta cidade, que cada qual saudava, com sua alocação, as relíquias, congratulando-se com a cidade pala sua sorte venturosa. Introduzidas que foram no tempo, foi proferido um breve sermão, acomodado às circunstâncias, e apresentadas as relíquias para serem beijadas pelo povo. Nos dias de festas dessas relíquias, vem pregar à nossa igreja o Bispo, ficando a jantar conosco. (CARDIM, 1925, p.222)

¹⁴ Doutora em Letras pela UFF – Universidade Federal Fluminense. Professora de Língua Portuguesa no curso de Administração, Ciências Contábeis e Enfermagem do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos – ITPAC e de Metodologia da Pesquisa na Faculdade Católica Dom Orione – FACDO, Araguaína - Tocantins

¹⁵ Apesar de ser um trabalho científico, certamente será detectada alguma enunciação católica da pesquisadora durante a análise de tais textos.

¹⁶ Uma das partes que compõe a *Ratio Studiorum* se refere à admissão do corpo e sua demissão, o que comprova que um forte mecanismo social da época, o único aparentemente disponível, era o acolhimento ou rejeição do sujeito pelo corpo social. Além do que o corpo do sujeito precisava ser trabalhado (inclusive como alimento também espiritual) porque dele emana a divindade e se constitui o corpo social, algo importante para Inácio de Loyola e que reafirma a importância dos textos para recebimentos escritos por Anchieta.

De acordo com Guilherme Amaral Luz, era comum, na colônia, a existência desses tipos de festividades. Em sua dissertação de mestrado, o autor resume estas comemorações da seguinte maneira: havia festas para recebimentos de relíquias ou pessoas ilustres, para comemoração de uma determinada data religiosa e, por terceiro e último, festas com o único intuito de pedir algo a Deus. Sua exposição deixa claro também que não havia uma separação entre um tipo de festa e outro. Em relação aos recebimentos de pessoas ilustres ou de relíquias e sobre o tipo de pessoas que deles participavam, o autor nos diz:

Os recebimentos eram das práticas festivas das mais comentadas nas cartas jesuíticas e podiam conter, entre outros elementos, música, jogos, representações e palavras de saudação e louvor. Habitualmente, o recebimento fazia parte de festas maiores e, do porto, partiam todos em procissão para a aldeia ou para a vila, onde o restante da festa haveria de ocorrer.

Aos recebimentos comparecia todo tipo de gente, membros do clero, leigos e indígenas, fossem eles homens, mulheres ou crianças. (...) Em muitos casos eram preparados textos para serem proferidos em versos no momento da chegada do visitante e a “calorosa” recepção sempre é descrita nas cartas como um belo momento, digno de muito apreço. (LUZ, 1999, p.72)

Em relação ao espaço em que se davam tais eventos, Luz diz que não havia um lugar específico, com um palco ou coisa do gênero, e os recebimentos se davam, em primeira instância, nos portos de onde os participantes caminhavam em procissão para a aldeia, onde o restante da celebração continuava.

O tempo da encenação, porém, como acontece em todo ato festivo, recebe uma conotação diferente. De acordo com Gadamer, a festa instaura uma dimensão temporal que é própria dela. O que dá início ao ato festivo não é uma contagem progressiva de tempo, mas sua celebração. A celebração faz com que o evento festejado seja transportado e atualizado para a temporalidade de seu público participante. É nesse sentido que Gadamer diz:

Faz parte da festa – não quero incondicionalmente (ou talvez isso mesmo, num sentido mais profundo?) – uma espécie de retorno. Falamos por exemplo em festas que sempre voltam de novo, distinguindo-as das festas que não se repetem. A questão é se a festa de uma única vez não exige propriamente sua repetição. As festas recorrentes não são assim chamadas porque são registradas numa ordem temporal, mas ao contrário, a ordem temporal surge a partir do retorno das festas: o ano canônico, as festas da igreja, mas também as formas nas quais nós mesmos, em nossa contagem abstrata do tempo, não falamos simplesmente do nome dos meses, mas justamente de Natal e Páscoa ou outras – tudo isso representa em verdade o primado do que vem a seu tempo, do que tem seu tempo e não se submete a uma contagem ou a um preenchimento abstrato do tempo. (GADAMER, 1985, p.99)

Para que haja celebração há necessidade de participação dos espectadores. Nesse sentido, Gadamer (1997, p.102) diz que “um traço característico do festejar é que ele não é algo senão para aquele que participa dele, o que faz do público um agente imprescindível nesse ato”. Segundo Luz (1999), há procedimentos litúrgicos e rituais que ditam o ritmo da festa e lhe anunciam alguns sentidos prévios. É o público que participa da atualização desses sentidos da festa, apropriando-se ou fazendo uso deles para o seu presente.

O ato de proporcionar sentidos está vinculado ao que Gadamer (1985) chama de jogo reflexivo. O jogo, entendido como uma ação que se define por um ir e vir de algo, faz do espectador um agente ativo perante o que lhe é encenado, exigindo, portanto, uma resposta ativa diante daquilo que lhe é exposto. E nesse sentido, o autor diz que o jogo sempre transporta o espectador para dentro dele, “o espectador é notadamente mais que um mero observador que vê o que se passa diante de si: ele é, como alguém que “participa” do jogo, uma parte dele”. (GADAMER, 1985, p.216)

Analisados sob essa perspectiva o estudioso afirma que todos os textos até agora estudados e, em especial, aqueles em que ocorre o recebimento de pessoas ou mesmo de alguma relíquia, têm o poder de transportar o público para dentro deles. No momento dessa integração, ocorre a oportunidade de o público decodificar as mensagens e os sentidos que tal celebração veicula.¹⁷ É exatamente nesse momento que o texto anchietano tem a possibilidade de ser compreendido como a expressão de um mistério. Isso porque é através da integração entre o que está sendo representado e o público que a encenação pode tornar visível ao público os mistérios cristãos por ela veiculados.

Em relação ao texto para recebimento do P. Administrador Bartolomeu Simões Pereira¹⁸, são inúmeros os níveis de sentido que podem ser reconstruídos pelo público ao qual o texto fora representado.

Em um primeiro nível, que podemos classificar como histórico e que, de acordo com a classificação de Hansen (1986), seria o sentido literal, podemos averiguar que, em 1591, o padre Simões Pereira teria ido ao Espírito Santo onde Anchieta o receberia. Já em um segundo nível, alegoria desse primeiro, temos a descrição da característica cena bíblica de um pastor que guia e cuida de seu gado. Nesse outro sentido, podemos averiguar que o padre Bartolomeu é descrito como um pastor. Certamente o que faz com que ele possa vir a ser representado dessa forma é a existências de certos atributos em comum entre ele e a imagem do pastor, como, por exemplo, o zelo e a obrigação de guiar seu rebanho.

Na primeira parte do texto, já é clara a relação entre o padre e o pastor:

Muito há que receiamos
vossa vinda, bom pastor,
para que Nosso Senhor
nos conceda o que esperamos.

¹⁷ Segundo Guilherme Amaral Luz, em uma procissão ou em um recebimento, por exemplo, não há espectadores externos como há em um cavallada ou em uma encenação bíblica. O autor parte do pressuposto de que o público desses espetáculos é convidado a tomar o seu lugar e realizar o espetáculo. O recebimento também não é só uma encenação. A encenação será parte do recebimento caso haja, nele, um espaço para uma representação religiosa ou uma dramatização alegórica. No mais, não há ouvinte ou mesmo platéia, mas participantes propriamente ditos. (LUZ, 1999, p 74)

¹⁸ Na obra organizada pelo padre Armando Cardoso, esse texto recebe o título *Recebimento do Administrador Apostólico P. Bartolomeu Simões Pereira*. Já na obra organizada por Maria de Lourdes de Paula Martins, recebe o título de *Ao padre Bartolomeu Simões Pereira*. De acordo com os apontamentos do padre Armando Cardoso, o padre Bartolomeu Simões Pereira foi designado por Dom Sebastião como administrador eclesiástico do Rio de Janeiro que já se apresentava separado da Bahia desde 1577. No ano de 1591, muda-se do Rio de Janeiro para o Espírito Santo, onde foi recebido por Anchieta. Segundo Cardoso, Bartolomeu Simões Pereira, quando esteve nas terras capixabas, visitou inúmeras aldeias indígenas crismando seus habitantes. O possível auto chamado *O recebimento do administrador Bartolomeu Pereira* ou *Auto da Crisma*, teria sido preparado por Anchieta para recebimento de tão ilustre pessoa.

Na estrofe acima, a vinda do padre à aldeia é celebrada como um ato de extrema importância. O autor tenta, em um primeiro momento, chamar a atenção de seu público para essa figura ao deixar explícito que sua vinda pode proporcionar algo que eles tanto esperam. Nesse caso, vemos que o recebimento de uma pessoa da Igreja na aldeia simbolizava muito mais que uma saudação: a presença do padre pode ser vista como a de um mensageiro de Deus, isto porque é com sua chegada à aldeia que Deus concede graças aos habitantes de tal localidade. A concessão de benefícios (mercês - dádivas) à aldeia está intimamente vinculada à chegada do administrador Bartolomeu Simões Pereira.

Esperamos de alcançar
a confirmação da graça,
a qual a todos nos faça
até o fim perseverar.

Depois de chamar a atenção do público para a figura do recebido sinalizando a importância de sua vinda, o texto procura evidenciar o que será concedido por Deus através de tal pessoa. O texto deixa claro que a importância da vinda do recebido está diretamente ligada à sua função de exercer o sacramento da confirmação aos habitantes já batizados.

Guilherme Amaral Luz (1999, p.56) afirma que a chegada de um visitante na aldeia é vista como um auxílio a mais para a salvação de seus habitantes. No texto em questão, pode-se notar que o padre Bartolomeu reforçará o trabalho de evangelização ao ministrar o sacramento do crisma.

Na seguinte estrofe, o texto continua oferecendo elementos para que se esclareça a importância da chegada do padre para o povo a ponto de Simões Pereira poder ser proclamado como um mensageiro divino. No trecho, percebe-se que é dada uma importância muito grande à chegada do sacramento ou da confirmação da fé para a preservação de todos no corpo da Igreja.

Esperamos de alcançar
a confirmação da graça
a qual a todos nos faça
até o fim perseverar.

Seremos mui confirmados
com este sagrado unguento
e divino sacramento,
com que seremos crismados.

Depois de chamar a atenção de seu público para a figura do padre e para o fato de que sua presença é condição para que possa ser concedida a graça por Deus, no caso em questão o sacramento da crisma, Anchieta explicita, em que consiste esse sacramento e sua importância.

Utilizando-se do simples recurso da metalinguagem, o autor explica que o sacramento da confirmação, como o próprio nome diz, é a confirmação da graça de Deus que foi dada no momento do batismo.¹⁹

Crismados receberemos
a graça, com fortaleza,
para cobrar a limpeza
que, pela culpa, perdemos.

¹⁹ A confirmação é mesmo a confirmação da graça do Batismo: o Batismo permite ao homem purificar-se do pecado original para progredir na remissão dos pecados: a crisma confirma o desejo de progredir nesse caminho. No entanto, a fortificação maior é dada através do sacramento da Eucaristia.

Como uma forma de reiterar ainda mais a sua explicação em relação a que consiste o sacramento da confirmação, o autor recorre a uma linguagem figurada que dê conta de explicar, de uma outra forma, o que até então já vinha sendo dito nas estrofes anteriores. Para tanto, ele apresenta uma cena em que um homem se encontra em estado um tanto desconfortável devido à perda de sua limpeza. O sacramento da confirmação, nesse contexto, será representado como algo que vem em auxílio desse homem, restituindo-lhe a limpeza perdida. Com essa cena, o autor busca persuadir seu público de que esse sacramento tem não só o poder de limpar o homem livrando-o da culpa, mas também de confirmar e fortalecer sua participação no convívio com a graça divina.

Perdemos a caridade,
quando amamos o pecado,
mas, pois somos vosso gado,
curai nossa enfermidade

Enfermidade mortal
é a culpa, mas por vós
seremos curados nós,
com o crisma divinal

Utilizando-se do mesmo procedimento das estrofes anteriores, o autor reforça a explicação de que consiste o sacramento da confirmação. Para tanto, recorre a uma outra cena que facilmente pode ser apreendida em um determinado contexto bíblico: apresenta o homem metafóricamente como uma ovelha que se encontra doente diante de seu pastor.

Sabe-se que a função do pastor é primordialmente a de guiar e conduzir seu rebanho. Entende-se o porquê de o padre ter sido designado, desde a primeira estrofe do texto, como sendo o pastor. Podemos apreender dois conjuntos de elementos existentes no texto. Em um primeiro cenário, temos um pastor que cuida de seu rebanho que, por estar muito doente, requer dele o máximo de atenção. Ao mesmo tempo em que temos essa imagem, temos outra que está sempre presente, mesclando-se e confundindo-se com ela. Nessa outra imagem, há um homem que se encontra sujo devido à sua culpa. Essa culpa deixou-o doente e, portanto, necessitado de uma cura, que vem através de um remédio.

Temos, novamente, um texto construído por diversas metáforas. Lendo as imagens figuradas em seu todo, vemos que o rebanho está metafóricamente sendo utilizado para representar o homem que se encontra em pecado, da mesma forma que a doença representa o pecado e o remédio representa o sacramento da crisma. É explícita, no texto, a correspondência entre a doença e o pecado, entre o estar sujo e o estar em pecado e, por fim, entre o remédio e o sacramento.

Depreender essas metáforas é imprescindível para que possamos entender a alegoria que dá forma ao escrito. É pelo conjunto dessas metáforas que o autor enuncia em que consiste o sacramento da crisma e a utilidade para quem dele participa, pois, a confirmação é apresentada como um sacramento que tem função análoga ao remédio, a de curar. Dito de outra forma, como o remédio que cura o gado enfermo, o sacramento pode muito bem curar o homem que, por seu pecado, também se encontra, de forma análoga ao rebanho, enfermo.

Pela responsabilidade conferida a esse padre de ministrar tão valioso sacramento, vemos que sua figura, no texto, recebe a conotação de um verdadeiro mensageiro de Deus com uma certa missão a cumprir.

Querido sejas, pastor,
do pastor que, de seu gado
vos fêz pastor e prelado
e grande administrador

Administrador somente
sois agora, mas sejas
bispo santo, que rejas
vosso gado santamente

Nessa última estrofe, é explícita a idéia de que foi Deus quem deu ao padre Bartolomeu a missão de exercer o sacramento da crisma, ao torná-lo pastor e prelado de Seu gado, e, por isso, com uma missão salvífica bem determinada a exercer. O recebido pode ser visto mesmo como aquele que anuncia a salvação, já que, como mensageiro divino, traz, pelo sacramento da confirmação, um instrumento a mais na ajuda para os trabalhos de evangelização, como bem notou Luz (1999, p.32) ao tratar da função desse tipo de espetáculo como parte das festas que ocorriam no Brasil quinhentista.

No texto feito para o recebimento do padre Marçal Beliarte²⁰, este também é descrito metaforicamente como sendo o pastor que vem ajudar a seu curral por ordem de Deus.

Vinde, pastor desejado,
visitar vosso curral;
pois, por ordem divinal,
para nós sois cá mandado
do reino de Portugal.

A majestade real
do senhor onipotente
ordenou, mui sãbiamente,
que, com peito paternal,
venhais ver tão pobre gente.

Também nesse texto, o autor deixa explícito que a vinda do padre é necessária à salvação do povo de Guaraparim.²¹

Vinde ver, pai amoroso,
os filhos que tanto amais,
cuja salvação buscais,
e com peito piadoso
a vida lhes procurais.

A necessidade da graça e do auxílio de Deus para o alcance da salvação está intimamente ligada ao estado em que se encontram os homens desde a origem do pecado. Se, no texto para o recebimento do padre Bartolomeu, Anchieta demonstra esse estado por uma linguagem figurada pela qual descreve o homem como alguém que se encontra, por sua culpa, em estado de sujeira ou doente, nesse texto o autor demonstra o mesmo fato ao jogar com os sentidos das palavras desconcerto/concerto.

Vinde, sábio regedor,
reger os desordenados,
para que, por vós guiados
no caminho do Senhor,
escapemos dos pecados.

Estamos desconcertados,
mas vós trazeis o concêrto,
para que nós, mais de perto,
por vós bem encaminhados,
achemos o céu aberto.

²⁰ O padre Marçal Beliarte veio ao Brasil em 1587 e tornou-se, em 1588, sucessor de Anchieta no Provincialado do Brasil. Em 1589, visitou o Espírito Santo e, segundo o padre Armando Cardoso, foi recebido por Anchieta com o pequeno auto intitulado *Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao padre Provincial Marçal Beliarte*.

²¹ A aldeia de Guaraparim ficava localizada no Espírito Santo, onde hoje fica a cidade de Guarapari, localizada ao sul de Vitória. Guaraparim era um aldeamento vizinho ao de Reritiba, onde Anchieta viveu seus últimos anos. Hoje, Reritiba é a cidade que recebeu o nome de Anchieta, onde há uma igreja jesuítica da época e um pequeno museu de arte sacra dedicado a Anchieta.

Como a estrofe nos diz, a função primordial do padre está relacionada à sua missão de consertar um povo que se encontra em pleno desconcerto a fim de que ele possa ser encaminhado para o céu. O padre recebido é quem guiará e regerá as pessoas, justificando-se a importância e a necessidade de sua vinda. Não é à toa que o padre, afora esses designativos, também é chamado de pai amoroso, vigário de Cristo e defensor.

Dentre todos esses designativos, o momento em que o padre é saudado como o defensor é interessante para que possamos reiterar ainda mais a relação entre a chegada deste e a necessidade de salvação:

Vinde, defensor mui forte,
defender os combatidos,
porque não sejam rendidos
da culpa, que causa morte
infernai aos vencidos.

Se formos favorecidos
de vós, Padre Beliarte,
seremos, por tôda parte,
seguros e recolhidos
como em forte baluarte.

No trecho acima, é explícito o uso da culpa como metáfora do pecado. Neste contexto, portanto, a vinda do padre também é entendida como necessária para a entrada da salvação no local em que tal saudação se dá. Relacionado com essa necessidade, é interessante o trocadilho que o autor faz entre as palavras Beliarte e baluarte, como demonstração do favorecimento e da ajuda que o recebido pode proporcionar, com sua chegada, ao combate contra o mal.

Vemos que os textos para recebimento analisados vinculavam a idéia de que havia um mal a ser combatido. Mal esse que fazia do homem um ser sujo, ou desconcertado, ou mesmo doente. Em relação a esse pensamento, no recebimento do padre Marcos da Costa²² temos uma imagem que resume muito bem a visão de que a chegada de uma pessoa ilustre ou de uma relíquia era tida como uma ajuda a mais no combate à fonte do mal.

Vinde, grande capitão,
defender vossos soldados,
pois estamos infestados
de nosso inimigo Satã,
e de perigos cercados.

Pois que somos tão coitados,
ajudai-nos nesta guerra.
Não sejamos maltratados,
oprimidos e avexados
dos moradores da terra.

A estrofe acima nos apresenta os jesuítas como verdadeiros soldados em um combate no qual o recebido é designado como o capitão, evidenciando a importância de sua chegada. Nesse texto, também é clara a idéia de que o padre Marcos da Costa vem não somente no auxílio dos habitantes da aldeia, mas também dos próprios jesuítas. É interessante notar que esse texto, entre todos feitos para recebimento de uma pessoa, é o primeiro a fazer uma alusão direta à figura de Satã como sendo o mal a ser combatido.

²² O padre Marcos da Costa veio ao Brasil em 1587. Em 1595, foi nomeado superior do Espírito Santo. Segundo Armando Cardoso, provavelmente nos primeiros meses de 1595 visitou as aldeias e foi recebido por Anchieta, em Reritiba, com o texto que aparece na obra organizada por ele sob o título *Recebimento do padre Marcos da Costa*.

A imagem do jesuíta como o soldado está vinculada à idéia de que há um povo fraco que necessita de sua ajuda, como mostra o trecho abaixo:

Viestes, mestre e doutor
dos rudes e ignorantes,
para sermos mais constantes
no caminho do Senhor,
e com Cristo triunfantes.

Somos fracos caminantes
mas, para que não cansemos,
vossa doutrina ouviremos,
e correndo mais que dantes,
a bom pôrto chegaremos.

Vemos, também, que os textos para recebimento, além de constituírem uma forma de chamar a atenção do público para o recebido, têm também a função de lisonjear a pessoa recebida. Segundo o padre Armando Cardoso isso se dava como uma necessidade de instigar, no padre recebido, uma curiosidade pelos trabalhos catequéticos que estavam sendo desenvolvidos nas aldeias.

Apesar de haver muitas imagens que qualificam os padres Bartolomeu Simões Pereira, Marçal Beliarte e Marcos da Costa, todas têm em comum a mesma idéia: são utilizadas para persuadir o público de que o recebido vem à aldeia para guiar, para defender, para reger, sendo sua função última livrar o homem do pecado encaminhando-o para a salvação.

Luz resume muito bem em que consistia a prática dos recebimentos de tais padres:

Pe. Beliarte é representante maior dos jesuítas, sua caracterização resume a ação missionária de toda a ordem, de modo que o que se espera dele é o que se projeta como objetivos da ação cristianizadora como um todo. Na aldeia de Guaraparim, não se recebia uma pessoa, mas um projeto de ação evangelizadora. Da mesma forma, quando o Pe. Simões Pereira era recebido, o que realmente se recebia não era um padre, mas o sacramento que trazia consigo ou, quando o Pe. Costa visitava uma aldeia, os moradores recebiam a “palavra” da salvação, não um homem. Em suma, era a missão evangelizadora dos *soldados* de Cristo que era celebrada em forma de recebimento. (LUZ, 1999, p.128)

Entre os designativos dos padres, vale ressaltar a qualificação do padre Marcos da Costa como capitão que tem função de levar seu povo a um porto seguro, a imagem do padre Marçal Beliarte como um forte baluarte e a imagem padre Bartolomeu com a função de levar o povo para um céu aberto. O interessante desses designativos está juntamente no jogo rítmico e sonoro que o autor cria com tais associações e sua implicação na semântica do texto.

Os padres extrapolam a sua função de mensageiros divinos e podem, dentro do contexto em que tal recebimento se dá, serem identificados como a representação de uma outra coisa. No caso, a chegada dos padres pode ser entendida como sendo a representação da própria figura de Jesus Cristo²³.

Em relação à pessoa recebida, Luz diz:

De certa forma, o recebido – e isto pode ser conferido nos diálogos de recebimento – representa o “salvador”, aquele que vem para expulsar os demônios da aldeia ou da vila, instaurando uma vida em consonância com as leis divinas, o que, sem dúvida, assemelha-se ao papel bíblico de Jesus Cristo. Assim sendo, a pessoa que é recebida prefigura a salvação que virá, no dia em que Jesus novamente retornar a terra. (LUZ, 1999, p.28)

A saudação pode ser entendida como volta a um evento original, sendo ela a repetição da vinda de Jesus ao mundo. Podemos pensar tais padres como “tipos”, que Hansen define da seguinte maneira: “Os “tipos” antecipam a salvação a vir com Cristo e prefiguram, no tempo, sua pessoa e sua obra”. (HANSEN, 1986, p.99) E no texto para recebimento do padre Marçal Beliarte, o autor chega mesmo a descrever, em um primeiro momento, que Maria, mãe de Jesus, habita Guaraparim. Anchieta chega a fazer uma identificação entre a cidade da Galiléia e a aldeia de Guaraparim.

Neste tão pobre lugar,
ela mora mui contente,
pois seu filho onipotente
num palheiro quis estar,
nascido mui pobremente.

Porque a fé da nossa gente
para Deus é doce leito.
A qual, com amor sujeito,
deseja ser inocente,
deixando o mal por bem feito.

Nesta estrofe, Guaraparim é descrita de forma análoga à Galiléia. A analogia se instaura na descrição dos dois lugares: tanto a cidade da Galiléia como a aldeia de Guaraparim são descritas como muito pobres. Sabe-se que Jesus passou a maior parte de sua vida e de seu ministério na Galiléia. Ao

²³ Os autores da Patrística interpretavam a História como uma manifestação de uma verdade divina, cabendo a Deus sua orientação. Para eles, Deus manifestava-se constantemente nas coisas sensíveis existente no mundo. Era comum, segundo Auerbach, a interpretação figural da realidade durante a Idade Média. Nesse sentido, é que vemos que os textos anchietanos feitos para o recebimento de uma pessoa ou mesmo de uma relíquia podem funcionar como um veículo para a decifração de uma verdade divina contida em meio ao espaço em que tais textos se dão. Esse recurso utilizado por Anchieta já tinha sido, segundo Auerbach, em sua obra *Figura*, utilizado por muitos outros autores. *Desde muito cedo o material pagão e profano foi também interpretado figuralmente; Gregório de Tours, por exemplo, usa da lenda dos sete adormecidos como uma figura para Ressurreição; a ressurreição de Lázaro dentre os mortos e o resgate de Jonas do ventre da baleia era também interpretados geralmente nesse sentido. Na alta Idade Média, a Sibila, Virgílio, as personagens da Eneida e até mesmo as do ciclo de lendas bretãs (por exemplo, Galahad em busca do Santo Graal) eram assimilados pela interpretação figural, e, acima de tudo, surgia todo tipo de mistura entre formas figuras, alegóricas e simbólicas.* (AUERBACH, 1997, p. 54) Segundo o mesmo autor, na *Divina Comédia*, os personagens são interpretados como figuras da história providencial. *Para Dante o significado de cada vida pertence à história providencial do mundo, cujas linhas gerais estão contidas na Revelação que foi dada a todos os cristãos e que ele interpreta na visão da Comédia.* (AUERBACH, 1997, p. 79) De forma muito simplificada, Auerbach interpreta os acontecimentos terrenos como uma profecia ou figura de uma realidade divina que nos será revelada em um futuro próximo. Nesse sentido, não há nada de “inovador”, ou mesmo de fora do uso comum da época. Anchieta, na verdade, acaba sendo um dos muitos escritores que, como os acima enumerados, como Dante, por exemplo, utilizou-se do recurso figural para dar forma a seus textos.

estabelecer uma analogia entre essa cidade e a vila de Guaraparim, o autor consegue fazer com que esta última seja vista como representante da própria cidade da Galiléia e, portanto, como lugar onde Jesus habita. O poeta transpõe um evento (a vinda de Cristo ao mundo) e uma localidade (a cidade de Galiléia) para um espaço e uma temporariedade distantes do seu evento original. É nesse sentido que Guaraparim pode ser vista, nesse contexto, como uma nova Galiléia e os padres recebidos como figuras de Jesus.

Como comprovação desse fato, há um diálogo, no final do texto para recebimento do padre Marcos da Costa, em que existe uma alusão direta ao padre recebido como sendo aquele que traz consigo Jesus. Nesse trecho, discute-se como o visitador irá vencer Lúcifer:

E que nos há de fazer
com sua visitaçãõ?
Desterrar a Lúcifer
de nossa povoaçãõ.

E tem êle coração
contra tão brava serpente?
Sim, que é muito sapiente
e valente capitãõ.

De que armas vem armado
contra tão forte imigo?
O bom Jesus traz consigo,
no coração encerrado.

Pelo trecho acima, vemos, de forma explícita, que o padre, por conter Jesus em si, faz com se possa entender tal representação como a chegada de Jesus ao local em que o padre é recebido. Mesmo porque, muito mais do que conter a Jesus, em um trecho do recebimento do padre Marçal Beliarte, o padre é tido também como um representante de Jesus na aldeia, conforme o que vem enunciado na estrofe abaixo.

Êste aqui é o sacerdote
que representa o Senhor Jesus,
criador da vida,
nosso amor,
senhor do bem.

O padre tem o poder de vencer a Lúcifer justamente por trazer consigo a Jesus, o que é explicado pela estrofe anteriormente descrita, em que o recebido é designado como um representante de Jesus. Sendo o padre um representante de Jesus, e, principalmente, por trazer Jesus encerrado em seu coração, concluímos que os recebimentos tinham a função de reiterar para seu público a presença constante de Jesus na colônia.

Aliás, todos os padres recebidos, vêm à colônia para trazer a salvação. Uma salvação que está diretamente ligada à necessidade da retirada do mal que assola o povo. O que realmente os auxilia nessa luta contra o Diabo é o fato de que eles trazem em si a presença de Jesus. A vinda do padre pode ser entendida como a vinda do próprio Jesus ao local em que o texto é pronunciado, tanto que um dos padres recebidos, o padre Marcos da Costa, é apresentado como um representante de Jesus no local em que é recebido.

Chegamos à conclusão de que Anchieta se aproveita de um fato contemporâneo – a chegada dos padres na aldeia – para a representação de um fato bíblico passado – a vinda de Jesus Cristo ao mundo. Muito mais do que uma simples representação, o recebimento assim trabalhado é a repetição desse evento em um tempo posterior a seu enunciado original. A encenação acaba sendo uma figuração desse acontecimento bíblico, que foi adaptado e transposto para a temporalidade de um determinado povo pela entrada do padre no local por ele visitado.

Referências Bibliográficas

- ANCHIETA, José de. *Cartas: correspondência ativa e passiva*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1984. p. 351.
- AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Introd. e Notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia Editora, 1925.
- GADAMER, Hans-Georg. *A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa*. Trad. Celeste Aida Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiros, 1985.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.
- LUZ, Guilherme Amaral. *As festas e os seus papéis: as representações e dramatizações alegóricas jesuíticas no interior das festas religiosas do Brasil quincentista*. (Dissertação de Mestrado) Campinas: Unicamp, 1999.

TECENDO SENTIDOS NA MODERNIDADE LÍQUIDA: RELOCALIZAÇÃO DO TEATRO NA ERA PÓS-MODERNA

Ubiratan Negrão Vieira²⁴
Bruno Gomes Pereira²⁵

Resumo

Esse artigo tem como objetivo apresentar uma possibilidade de realocação das funções sociais do teatro em uma era dita líquida. A Fundamentação Teórica está alojada na interface entre os estudos aplicados da linguagem, a Sociologia das Relações e as pesquisas desenvolvidas no âmbito das artes cênicas. A Metodologia é de cunho bibliográfico, partindo da premissa de que confrontamos diferentes saberes, de múltiplas áreas do conhecimento, na intenção de melhor problematizarmos o objetivo acima elencado. As discussões travadas neste trabalho revelam a tentativa de engajamento social do teatro em uma sociedade pós-moderna, na intenção de acompanhar a fluidez dos tempos atuais, caracteriza pela emergência de novos públicos consumidores. Esperamos que esta proposta investigativa se torne algo convidativo para posteriores pesquisas na área das Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas.

Palavras-chave: Artes Cênicas; Modernidade Líquida; Relocalização; Teatro.

Abstract

This article aims to present a possibility of relocating the social functions of the theater in a so-called liquid era. The Theoretical Foundation is housed in the interface between the applied studies of language, the Sociology of Relations and the research developed in the context of the performing arts. The Methodology is bibliographic in nature, based on the premise that we confront different knowledge, from multiple areas of knowledge, with the intention of better problematizing the objective listed above. The discussions in this work reveal the attempt of social engagement of the theater in a postmodern society, with the intention of following the fluidity of the current times, characterized by the emergence of new consumer audiences. We hope that this investigative proposal will become something inviting for further research in the area of Human, Social and Applied Sciences.

Keywords: Scenic Arts; Liquid Modernity; Relocation; Theater.

Introdução

Pensar a era pós-moderna é considerar todas as suas nuances e influências nos mais diferentes contextos sociopragmáticos²⁶. Diante disso, tratamos, neste trabalho, o teatro como aparelho ideológico capaz de semiotizar práticas sociais bastante específicas. Nesse sentido, é possível percebermos uma tentativa da esfera teatral para se adequar às novas demandas de uma sociedade emergente. Isso, por sua vez, parece-nos uma movimentação natural, partindo da premissa de que todos os demais aparelhos ideológicos (escolas, universidades, hospitais, etc) passam pelos dilemas de uma realidade paradigmática transitória. Entretanto, o que nos chama atenção é a tentativa do teatro em se reinventar, ao mesmo tempo em que procura conservar sua beleza estética e poética, a qual o consagrou como arte.

²⁴ Mestrando em Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: ubiratan_vieira_@hotmail.com.

²⁵ Doutor em Ensino de Línguas e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com.

²⁶ Utilizamos o termo “sociopragmática” em consonância aos estudos de Mey (2001), o qual observa instâncias discursivas, ideológicas e sociológicas como basilares no desdobramento semiótico das práticas sociais.

Para tanto, objetivamos apresentar uma possibilidade de realocização das funções sociais do teatro em uma era dita líquida. Para isso, levamos em consideração as tentativas de readequação que o teatro oferece, para contemplar as novas exigências sociais e mercadológicas. Consideramos este pressuposto como motivador e pertinente, tendo em vista que o atual comportamento social parece se configurar em múltiplas faces, as quais se esvaecem efemeramente.

O termo “relocalização” que utilizamos neste trabalho parte dos estudos americanos de Pennycook (2010). Para o autor, o ato de realocar abarca questões culturais e filosóficas dos sujeitos sociais envolvidos. Em outras palavras, a realocização é um fenômeno oriundo da pós-modernidade que consiste, justamente, no ato de reinventar-se constantemente. A reinvenção a que nos referimos não se esgota no ato de deslocamento em si do produto, mas se trata de um ato discursivo-filosófico, que agrega diferentes perspectivas de vozeamento²⁷ social, tal como Gomes-Pereira (2016) endossa em sua investigação.

Nossa Fundamentação Teórica parte, principalmente, da interlocução entre os estudos sociológicos de Bauman (2004; 1997), das investigações em Linguística Aplicada (GOMES-PEREIRA, 2017; 2016; PENNYCOOK, 2010) e dos trabalhos problematizadores do teatro contemporâneo (PONTORIERO, 2014; FARIAS, 2013). Entendemos esta perspectiva teórica como uma medida condizente às demandas sociais mais atuais, pois a interdisciplinaridade²⁸ é uma postura que nos convida a repensar a maneira de se fazer ciência no âmbito acadêmico.

Em suma, esperamos que este trabalho possa render louváveis desdobramentos acadêmico-científicos, a fim de problematizarmos esse teatro emergente, que, mesmo na tentativa de se realinhar aos novos tempos, procura não perder sua essência.

Noções sobre Modernidade Líquida

A modernidade dita líquida obedece às problematizações sociológicas de Buaman (1997), ao afirmar que as relações humanas estão ficando cada vez mais frágeis e instantâneas. Isso, por sua vez, altera o comportamento humano, que tende a se prender em coisas e situações que se esgotam com a mesma facilidade em que se iniciam.

Do ponto de vista sociológico, o termo “líquido” foi cunhado para se opor ao termo “sólido”, sendo este cada vez mais escasso no mundo em que vivemos. Compreender uma demanda líquida é o mesmo de entendermos o porquê da água escorrer por entre nossos dedos. Esta afirmação pode parecer demasiadamente filosófica aos olhos de um leitor desatento. Entretanto, há de se considerar que, por não manter a água na palma das mãos por muito tempo, procuramos artifícios que, de alguma forma, possam reaproveitar o líquido que resta, reutilizando-o.

A metáfora supramencionada ilustra, com exatidão, o atual momento que passamos: o de reaproveitamento de uma herança cultural que parece se modificar com a mesma velocidade com que a água se esvai. Em outros termos, conforme Bauman (1997), a concepção líquida corrobora na tentativa humana de preservar valores e costumes sem que isso, necessariamente, seja algo sobreposto aos seus antepassados.

²⁷ A definição de “vozeamento” que trazemos à baila é amparada pelos estudos de Bakhtin (2006; 2003; 1984), ao considerar que “vozes sociais” não são necessariamente um fenômeno vocálico, mas sobretudo um entrelaçamento de perspectivas culturais, sociais e ideológicas que se misturam no tempo e no espaço.

²⁸ O termo “interdisciplinaridade” é ancorado em Fazenda (2008), ao afirmar que, na era pós-moderna, nenhum ramo do conhecimento científico é autossuficiente.

É nesse sentido que entendemos ser relevante problematizar as relações sociais, a efemeridade em que as opiniões são formadas e desfeitas, bem como a instabilidade de um amor cada vez mais volátil (BAUMAN, 2004). É pertinente salientar que o termo “amor”, utilizado neste artigo, não agrega apenas questões passionais, sendo muito mais amplo semanticamente. Conforme Bauman (2004), a acepção aferida à expressão “amor líquido” se estende a toda e qualquer manifestação de afeto entre as pessoas em uma determinada comunidade linguística. Assim, falamos de uma memória afetiva que agrega valores que convergem com a dicotomia bom *versus* mau, ou, mas usualmente, felicidade *versus* infelicidade.

Na concepção de Bauman (2004; 1997), nos relacionamos com tudo que nos cerca e, por isso, estabelecemos com pessoas e objetos uma relação de afeto, o que o autor prefere nomear como “amor líquido”. Na sociedade pós-moderna, o amor, semiotizado pelo sentimento do “gostar”, mostra-se passageiro, quando percebemos a maneira com a qual ele se desenha no comportamento humano. Em outras palavras, o ser humano tende a gostar das coisas de maneira muito passageira, o que gera novas demandas e novos modismos sociais. A sucessão de comportamentos que se sobrepõem é natural dentro de uma realidade orgânica. Entretanto, Buaman (2004) chama atenção não ao fato em si, mas principalmente à incidência com a qual esses gostares são modificados.

Na era líquida, aquele que não se adequa às novas perspectivas e rumos sociais tende a fracassar no sentido mercadológico, o que é algo bastante latente na atualidade, sobretudo em sociedades capitalistas. Àqueles que apresentam a habilidade de se reinventarem são detentores do que Bourdieu (1989) define como “poder simbólico”. Está socialmente empoderado o sujeito que se adequa, de alguma maneira, às exigências de uma sociedade transitória e dela consegue extrair motivos para continuar socialmente engajado. Evidentemente, a noção de “poder simbólico”, dentro da Sociologia, apresenta múltiplas acepções. Entretanto, não é nosso interesse nos aprofundarmos nessa discussão conceitual. Deixemos isso para outras interlocuções. O que se faz relevante, nesta instância, é compreender que este empoderamento é tão líquido como o comportamento do homem social, ou seja, efêmero.

Em síntese, apresentamos um panorama sobre os olhares de Bauman (2004; 1997) acerca das acepções de uma modernidade dita líquida, nos termos do próprio autor. Nesse sentido, passaremos, agora, a buscar entender como tudo isso se delinea frente à tentativa de realocização do teatro pós-moderno.

O Teatro e sua Evolução Histórica

A gênese do teatro no Brasil coincide com o período colonial, no século XVI. Foram os jesuítas que trouxeram a religião e uma cultura diferenciada com a inclusão de literatura e teatro. Este, por sua vez, estava diretamente ligado às danças, aos rituais festivos, às festas e/ou aos rituais indígenas. Podemos dizer, com isso, que o primeiro contato dos brasileiros com o teatro foi permeado pelo catolicismo.

O teatro se fortaleceu no século XIX, no início do Romantismo, período literário caracterizado pelos excessos passionais, bem como pela tentativa de retomada à cultura brasileira, em uma perspectiva ufanista, tal como mostram (CÂNDIDO, 2000; LAJOLO, 1993; AMORA, 1992)

Como se sabe, no início da colonização, os Jesuítas objetivavam catequizar os índios, pois, segundo os mesmos, havia uma facilidade na oratória, na dança e na música, características importantes para o desempenho de uma performance teatral satisfatória. O teatro ganhara uma força maior à catequização religiosa.

Segundo Farias (2013), iniciaram-se, assim, as primeiras peças, baseando-se nas culturas indígenas, com o objetivo de sensibilizá-los com os seus próprios conhecimentos. As peças eram escritas em tupi, em português ou em espanhol, tendo como personagens principais os santos e os imperadores, ligados ao amor ou não a Deus.

Ligado à catequese, o teatro passou a se tornar obrigatório nas matérias aos estudantes. Entretanto, havia proibição das personagens femininas para se evitar desconforto com os jovens (FARIAS, 2013).

Os atores, nessa época, eram os índios domesticados, os futuros padres, os brancos e os mamelucos, amadores, que atuavam de forma improvisada nas peças das Igrejas e praças. As peças, no século XVII, começaram a ficar cada vez mais escassas.

Este período, em que a obra missionária já estava praticamente consolidada, é chamado de “Declínio do Teatro dos Jesuítas”. No entanto, outros tipos de atividades teatrais também eram escassos, por conta deste século constituir-se em um tempo de crise (FARIAS, 2013).

As encenações existiam, fossem elas prejudicadas ou inspiradas pelas lutas da época. Todavia, dependiam de ocasiões como festas religiosas ou cívicas para que fossem realizadas. Podemos citar as comédias apresentadas nos eventos de aclamação a D. João IV, em 1641, e as encenações promovidas pelos franciscanos do Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, com a finalidade de distrair a comunidade.

Também se realizaram representações teatrais por conta das festas de instalação da província franciscana da Imaculada Conceição, em 1678, no Rio de Janeiro. Foi na metade do século XVIII, que as peças teatrais passaram a ser apresentadas com mais frequência.

Nessa época, era muito forte a característica educacional e pedagógica do teatro. Iniciam-se as atividades com locais fixos para as peças denominadas de “Casas da Ópera” ou “Casas da Comédia”, as quais começaram a se espalhar pelo país (FARIAS, 2013).

Após o estabelecimento dos locais fixos, começaram a surgir as primeiras companhias teatrais. Os atores eram contratados para fazer um determinado número de apresentações nas “Casas da Ópera”, durante todo o ano ou apenas pôr alguns meses. Sendo assim, com os locais e elencos fixos, a atividade teatral do século XVIII começou a acontecer mais frequentemente.

No século XVIII e início do XIX, os atores eram pessoas das classes mais baixas. Havia um preconceito contra a atividade, chegando a ser proibida a participação de mulheres nos elencos. Dessa forma, eram os próprios homens que representavam os papéis femininos. Mesmo quando a presença de atrizes era autorizada, estas não eram muito bem vistas.

A tragédia “Antônio José” ou “O poeta e a inquisição”, escrita pôr Gonçalves de Magalhães, foi elevada à cena por João Caetano, no teatro Constitucional Fluminense, sendo o primeiro passo para a implantação de um teatro considerado brasileiro. Pela primeira vez, a comédia “O Juiz de Paz da Roça”, de Martins Pena, era encenada, também no teatro Constitucional Fluminense, pela mesma companhia. A peça foi o marco inicial para a consolidação da comédia de costumes como gênero preferido do público (FARIAS, 2013).

As peças de Martins Pena estavam integradas ao Romantismo Brasileira, tendo uma boa receptividade do público, que se mostrava cansado do formalismo clássico anterior. O autor é considerado o verdadeiro fundador do teatro nacional.

Em 1900, houve o grito de liberdade do teatro. Embora tenha enfrentado as mais duras crises políticas do país, conseguiu, com muita luta, deixar um marco na história. De 1937 a 1945, a ditadura procurou silenciar o teatro, mas a ideologia populista, por meio do teatro de revista, manteve-se ativa.

Surgiram as primeiras companhias estáveis do país, nomeadas como: Procópio Ferreira, Jaime Costa, Dulcina de Moraes, Odilon Azevedo, Eva Tudor, entre outros. Dessa forma, surgiu uma nova ideologia com um dos maiores patrimônios do teatro brasileiro: Oswald de Andrade, que escreveu “O Rei da Vela”, “O Homem e o Cavalo” e “A Morta”, enfrentando desinibido e corajoso, a sufocante ditadura de Getúlio Vargas (FARIAS, 2013).

Paschoal Carlos Magno, em 1938, fundou o “Teatro do Estudante do Brasil”. Surgiram companhias experimentais de teatro, que se estendem ao longo dos anos, marcando a introdução do modelo estrangeiro de teatro entre nós, consagrando, então, o princípio da encenação moderna no Brasil.

Em 1948, surge o TBC, uma companhia que produzia teatro da burguesia para a burguesia, importando técnicas e repertórios, com tendências ao culturalismo estético. Já em 1957, surgiu o “Teatro de Arena”, de São Paulo. Este foi a porta de entrada de muitos amadores para o teatro profissional, os quais, nos anos posteriores, tornaram-se verdadeiras personalidades do mundo artístico.

Com o Golpe Militar, em 1964, as dificuldades aumentam para diretores e atores de teatro. A censura chegou avassaladora, fazendo com que muitos artistas abandonassem os palcos e exilassem-se em outros países. Restavam, às futuras gerações, manterem vivas as raízes já fixadas e dar um novo rumo ao mais novo estilo de teatro que estaria surgindo.

Teatro e Modernidade: Dramaturgia na Era Líquida

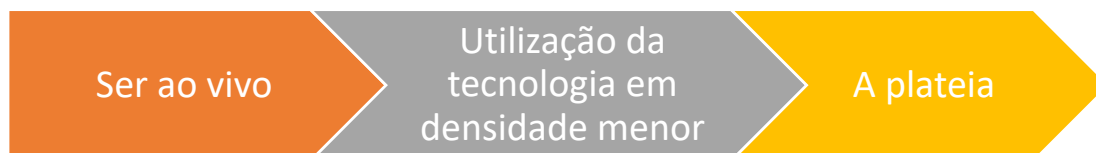
O teatro, enquanto expressão artística, se caracteriza pela encenação de um enredo fictício, ainda que seja embasado em fatos reais. A ideia de ficção que trazemos à baila é conivente com a proposta de Pontonero (2014), ao afirmar que as personagens vivenciam situações específicas dentro de uma esfera dramaturgica. Em outras palavras, a concepção de ficção não reside no fato da história retratada ser verossímil ou não, mas sim que seja verdadeira ao menos para aquelas personagens que vivenciam tais conflitos. O fato do público se identificar ou não está ligado diretamente ao sentimento de catarse à dicotomia verdade *versus* mentira.

Entretanto, há de convir que a premissa supracitada parece ser condizente com quaisquer esferas dramaturgicas, uma vez que todas elas (cinema, televisão, teatro) buscam despertar em seus respectivos públicos a tão esperada catarse. De certo, cada uma dessas esferas opera em níveis sociais diferentes com mais precisão e densidade, o que acarretam em diferentes maneiras de realocização.

O teatro opera, mais precisamente, nos seguintes fatores: o contato com a plateia, o fato de ser ao vivo, e a maneira como se movimentam sem muita expressividade tecnológica²⁹. Trata-se, portanto, de uma modalidade artística que reverbera uma beleza e poesia quase artesanais. Para melhores esclarecimentos, observamos a figura abaixo:

²⁹ Empregamos a expressão “expressividade tecnológica” sem nenhum resquício ou pretensão pejorativa. Estamos nos referindo à limitação de recursos tecnológicos que o teatro apresenta em comparação a outras mídias dramaturgicas. Deixamos claro que isso obedece à própria formatação do teatro, condizente com os fatores elencamos acima.

Figura 1: Fatores característicos do teatro



Fonte: Dos autores

O teatro que observamos na era líquida (BAUMAN, 2004; 1997) parece reconhecer a necessidade de se reinventar e, com isso, realocar saberes e comportamentos sociais. Todavia, ao mesmo tempo, demonstra insistência em conservar as características mencionadas e ilustradas na Figura 1.

Essa transição em que o teatro pós-moderno está imerso molda uma série de incertezas típicas de uma instância social complexa³⁰ e insegura em suas tomadas de decisão. Parece ainda não estar claro que algumas modificações radicais devem ser feitas, sendo que tais, não necessariamente, descaracterizaria a prática teatral, enquanto arte genuína das práticas sociais.

Captar um novo público e, ao mesmo tempo, manter a essência ilustrada parece ser o grande desafio do teatro pós-moderno. Para tanto, a prática de realocação deve obedecer a critérios paulatinos, os quais devem redesenhar o formato do teatro tradicional, tornando-o não apenas contemporâneo, mas sobretudo pós-moderno (CASTELLS, 1999).

Nesse sentido, estão emergindo diferentes plataformas que visam fidelizar um público, ainda que de maneira temporária. Este público, por sua vez, vivencia uma fase em que tudo lhe parece repetitivo e cansativo, tal como nos apresenta Bauman (1997).

Com o avanço da tecnologia em todas as bases sociais, o teatro se vê na necessidade de fugir de um ostracismo e se aliar às práticas dramaturgias emergentes. Nos tempos de isolamento social, em que o deslocamento ao teatro (enquanto prédio) se torna inviável, a classe artística tem demonstrado sabedoria em manusear ferramentas diferentes para aproximar-se do público, ainda que virtualmente. Para isso, percebemos movimentações artísticas semiotizadas por mídias digitais, sobretudo *lives*, que, de alguma forma, não fogem totalmente ao que é proposto na Figura 1, fazendo-nos compreender que isolamento social não está ligado, necessariamente, à ideia de solidão.

Em síntese, compreender que é necessário modificar-se não significa perder a essência de algo que deu certo milenarmente. Trata-se, apenas, de uma busca constante de reconquista de um público que se cansa facilmente das coisas e, assim, tem em mãos em verdadeiro leque de oportunidades. Empoderar o teatro pós-moderno é, talvez, reconhecer que a essência teatral é atemporal e transformadora. Nesse sentido, a plataforma que se apresenta é, na verdade, uma ferramenta que o aproxima do público, ainda que este público seja cada vez mais rotativo.

³⁰ A concepção de “complexidade” que utilizamos parte dos estudos de Morin (2011), ao entender os fenômenos sociais sob diferentes primas.

Considerações Finais

Neste artigo, fizemos uma série de provocações aos leitores mais atentos e amantes do teatro e das demais manifestações artísticas. Ao considerarmos a arte como uma representação das práticas sociais, estamos reconhecendo seu poder semiótico em retratar a alma humana. Por isso, o teatro deve buscar a organicidade da própria sociedade que o molda por dois motivos: 1) para sobreviver em uma era efêmera e fugaz, conquistando novos públicos e rompendo paradigmas mais tradicionais; e 2) para tornar a dramaturgia cada vez mais interessante e verossímil, o que favorece o sentimento de catarse, espinha dorsal de qualquer manifestação artística.

Enfim, esperamos que este artigo possa incentivar investigações vindouras, capazes de render-lhe desdobramentos eficientes e eficazes. Entendemos que existem poucos estudos que versam sobre a referida temática, o que torna este trabalho ainda mais convidativo.

Referências

- AMORA, A. S. **Introdução à Teoria da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2003.
- BAKHTIN, M. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. London: University of Minnesota Press, 1984.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- CÂNDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FARIA, J. R. **História do Teatro Brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FAZENDA, I. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In.: FAZENDA, I (org). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 17-28.
- GOMES-PEREIRA, B. Evolution of Applied Linguistics in Brazil. **Revista São Luís Orione**, v. 4, p. 5-15, 2017.
- GOMES-PEREIRA, B. **Relocalização de Saberes Acadêmicos na Construção de Vozes de Professores em Formação Inicial na Escrita Acadêmica Convencional e Reflexiva**. 2016. 350 f. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016.
- LAJOLO, M. **A Importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 1993.
- MEY, J. L. **As Vozes da Sociedade: Seminários de Pragmática**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.
- PENNYCOOK, A. **Language as a Local Practice**. Routledge, 2010.
- PONTORIERO, A. Vida Líquida, Teatro y Narración en las Propuestas Escénicas de Mariano Pensotti. **Cuaderno 50**, Centro de Estudios en Diseño y Comunicación, 2014. pp 15-24.